

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

BRUNO MACHADO BELISARIO DA SILVA



O PROBLEMA DO DUALISMO CORPO E ALMA: POR UMA VISÃO INTEGRAL DO
SER HUMANO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 16/08/2018.

VITÓRIA
2018

BRUNO MACHADO BELISARIO DA SILVA

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 16/08/2018.



O PROBLEMA DO DUALISMO CORPO E ALMA: POR UMA VISÃO INTEGRAL DO
SER HUMANO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Trabalho Final de Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Ciências das Religiões
Faculdade Unida de Vitória
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Religião e Esfera Pública

Orientador: Dr. Abdruschin Schaeffer Rocha

Vitória - ES
2018

Silva, Bruno Machado Belisario da

O problema do dualismo corpo e alma / Por uma visão integral do ser humano nas aulas de educação física / Bruno Machado Belisario da Silva . – Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2018.

x, 71 f. ; 31 cm.

Orientador: Abdruschin Schaeffer Rocha

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2018.

Referências bibliográficas: f. 66-71

1. Ciências das religiões. 2. Religião e esfera pública. 3. Dualismo. 4. Corpo e alma. 5. Educação física. 6. Visão holística. 7. Educação física e corpo. - Tese. I. Bruno Machado Belisario da Silva. II. Faculdade Unida de Vitória, 2018. III. Título.

BRUNO MACHADO BELISARIO DA SILVA


O PROBLEMA DO DUALISMO CORPO E ALMA: POR UMA VISÃO INTEGRAL
DO SER HUMANO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Faculdade Unida de

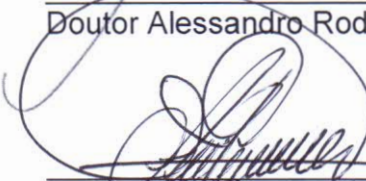
Dissertação para obtenção do grau
de Mestre em Ciências das
Religiões no Programa de Mestrado
Profissional em Ciências das
Religiões da Faculdade Unida de
Vitória.



Doutor Abdruschin Schaeffer Rocha – UNIDA (presidente)



Doutor Alessandro Rodrigues Rocha – UNIDA



Doutor Antônio Vidal Nunes – UNIDA

RESUMO

A presente dissertação visa exibir o problema do dualismo em um primeiro momento de maneira geral. Por essa razão, é feita uma breve viagem no tempo, buscando compreender esse próprio conceito antes de tudo na metafísica antiga com as ideias de Platão, passando pelas adequações de um de seus seguidores Aristóteles, até chegar na era medieval carregada de influências cristãs e posteriormente na modernidade, tendo o sujeito como foco central das discussões. Em um segundo momento, foi abordada uma especificidade da própria dualidade, destacando o dualismo corpo e alma, cujo conceito pode ser explicado de forma resumida como o estabelecimento da alma como superior e mais importante do que o corpo. Ainda tomando como princípio esse momento, procura-se transpor esse pensamento dualístico para a realidade religiosa e indicar também, os perigos de se desconsiderar o corpo em sua espiritualidade. O segundo capítulo é dedicado a levantar posições que possam de alguma forma contrapor o problema mencionado no primeiro capítulo. Por meio disso, permitiu-se enxergar os pontos com suporte de algumas lentes teóricas que de certa maneira propiciavam superar tais limitações teóricas, colocando agora o corpo em um outro patamar de relevância. Por conta disso, procurou-se o que foi produzido na fenomenologia e na antropologia, utilizando mais especificamente o material elaborado por Merleau-Ponty, David Le Breton e Marcel Mauss. Por fim, apresentadas as divergências de pensamento entre educação física e o próprio meio religioso, foram apontadas possíveis soluções de aproximação das duas áreas com o anseio de se explorar o conceito de visão holística do ser humano, e vivenciar de fato uma educação que esteja inteiramente dedicada a construção integral dos sujeitos. Tanto a saúde física quanto a saúde espiritual dos sujeitos são fatores importantíssimos para a promoção da qualidade de vida dos seres humanos, portanto, foi constatado ser de suma relevância o levantamento dessas questões e o estímulo à propagação da saúde espiritual no meio profissional e/ou pessoal.

Palavras-chave: Dualismo corpo e alma; Educação Física; Visão Holística.

ABSTRACT

The present dissertation aims to show the problem of dualism at a first moment in a general way. For this reason, a brief time travel is made, trying to understand this concept in the old metaphysics with the ideas of Plato, above all, going through the adjustments of one of his followers Aristotle, until arriving at the medieval age full of Christian influences and later, in modernity, having the subject as the central focus of the discussions. In a second moment, has been addressed a specificity of this duality, emphasizing the dualism of body and soul, whose concept can be explained briefly as the establishment of the soul as superior, and more important, than the body. Still taking this moment as a principle, it aims transpose this dualistic thinking to religious reality and also indicate the dangers of disregarding the body in its spirituality. The second chapter is dedicated to raising positions that might somehow counter the problem mentioned in the first chapter. By means of this, allowed to see the points supported by some theoretical lenses, that in a certain way, enabled to overcome such theoretical limitations, placing now the body on another level of relevance. On the basis of this, reserched for what was produced in phenomenology and anthropology, using more specifically the material elaborated by Merleau-Ponty, David Le Breton and Marcel Mauss. Finally, presented the differences of thought between physical education and the religious milieu, out possible solutions have been indicated, to the two areas, with the desire to explore the concept of a holistic vision of the human being, and experiencing, in fact, an education that is entirely devoted to integral construction of subjects. Both the physical health and the spiritual health of the subjects are very important factors for the promotion of the quality of life of human beings, therefore, it was found to be of the utmost importance to raise these questions and also to stimulate the propagation of spiritual health in professional and/or personal environment.

Keywords: Body and soul dualism, Physical Education, Holistic Vision.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1 O PROBLEMA DO DUALISMO.....	9
1.1 Dualismo metafísico	10
1.2 O dualismo corpo e alma	16
1.3 O corpo e o ocidente cristão	24
2 UM OLHAR FENOMENOLÓGICO E ANTROPOLÓGICO SOBRE O CORPO	29
2.1 Uma fenomenologia do corpo (Merleau-Ponty).....	30
2.2 Uma antropologia do corpo (Le Breton e Mauss).	37
3 POR UMA ESPIRITUALIDADE LAICA NO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA	46
3.1 O campo religioso cristão contemporâneo	46
3.2 O ser humano entre planos de ensino e práxis educacional	49
3.3 Por uma visão integral do ser humano.....	52
CONCLUSÃO.....	65
REFERÊNCIAS	66

INTRODUÇÃO

Não é de hoje que o corpo humano chama a atenção, suscitando debates nas mais diversas áreas do saber. Desde os tempos pré-históricos, ele vem sofrendo variadas inúmeras alterações e recebido diversos olhares, de acordo com cada contexto histórico.

A maneira como o ser humano relaciona-se com o próprio corpo e lida com o mundo que o rodeia é mediada pela sociedade na qual se encontra. Tal fato também foi analisado por Porter, ao afirmar que “chegamos nus ao mundo, mas logo somos adornados não apenas com roupas, mas com a roupagem metafórica dos códigos morais, dos tabus, das proibições e dos sistemas de valores que unem a disciplina aos desejos, a polidez ao policiamento”¹. Ou seja, são os códigos morais de conduta que determinam a maneira a partir da qual o ser humano enxerga o corpo e o mundo, numa espécie de aculturação.

Esta dissertação foca-se na relação entre corpo e religião, no campo da Educação Física, bem como no contributo que cada uma dessas áreas do saber pode oferecer, com vistas à construção de uma visão holística do ser humano. Por se tratar de um mestrado profissional, as pesquisas efetivadas (ainda que bibliográficas), dialogam com o dia a dia profissional não só do ramo da Educação Física como também da Educação Religiosa dentro das escolas. Dessa maneira, foram traçadas inúmeras possibilidades de estudos construídas a partir de problemas passíveis de surgir no cotidiano desses profissionais.

O cenário que permeará este trabalho repousa na relação “Educação Física x Educação Religiosa”, reconhecendo possíveis embates entre esses diferentes campos, no que tange ao corpo humano. Buscar evidenciar os dois olhares e notar suas diferenças e semelhanças fornece uma perspectiva instigante no entendimento e no aprofundamento do assunto.

O primeiro capítulo abordará a problemática do dualismo, com vistas à compreensão mais ampla do conceito. Importa compreender a metafísica antiga, baseada nas ideias iniciais de Platão, passando pelas adaptações e contribuições de Aristóteles e, mostrando em seguida como esse conceito foi entendido no período medieval, permeado pelo cristianismo; posteriormente, no período da modernidade, o sujeito tornou-se o centro da discussão, mas a discussão chegou à contemporaneidade.

¹ PORTER, Roy. História do Corpo. In. BURKE, Peter (Org.) *A escrita da história*. São Paulo: UNESP, 1992, p. 325.

Importa ainda registrar o direcionamento dos estudos para determinada especificidade, focando-se, a princípio, no dualismo em geral, em seus contornos ao longo dos tempos, e posteriormente, no dualismo corpo e alma, no qual esta última seria considerada superior e mais importante que o corpo.

O segundo capítulo se concentrará na abordagem fenomenológica e antropológica do corpo. Diferentemente do que ocorre nas ciências da saúde, nesses dois campos do saber, o corpo recebe uma análise mais ampla, não somente do ponto de vista biológico e psicológico, mas também como elemento social e cultural, fator primeiro na existência humana. Para tanto, recorrer-se-á às contribuições de variados pesquisadores, entre os quais Merleau-Ponty, Marcel Mauss e David Le Breton desempenharão papel preponderante com suas contribuições a respeito do ser humano, especialmente no que respeita ao corpo.

Pretende-se, no terceiro capítulo, abordar os embates frequentes no âmbito da Educação Religiosa e da Educação Física, considerando suas limitações a respeito do corpo, e assim, traçando um caminho a ser trilhado por ambos, no intuito de contribuir para uma visão holística do ser humano.

Esta pesquisa incentivará um olhar mais amplo a respeito do corpo, não só no campo da Educação Física, mas também no campo da Educação Religiosa. Obviamente, não se pretende aqui esgotar os diversos caminhos que os dois campos possam trilhar juntos, mas prover subsídios para pensar o corpo a partir desses dois olhares (Religioso/Educação Física), o que facilitará posteriores estudos de diálogos entre os dois territórios, na medida em que se poderá conhecer a bibliografia já publicada na área, com a expectativa de maior visibilidade ao fenômeno e contribuição para sua melhor compreensão.

1 O PROBLEMA DO DUALISMO

Este capítulo tratará da problemática do dualismo, na tentativa de compreender mais amplamente o conceito. O ponto de partida será a metafísica antiga, com as ideias primordiais de Platão, passando pelas adaptações e contribuições de Aristóteles e, logo depois, pela análise do modo como se deu esse fenômeno já no período medieval, cujo cenário foi permeado pelo cristianismo, e posteriormente, no período da modernidade, que situou o sujeito como foco da discussão, chegando, afinal, à contemporaneidade.

Em seguida, serão resgatados e dirigidos os estudos para determinada especificidade, focando, a princípio, no dualismo em geral, em seus contornos ao longo dos tempos, e posteriormente, no dualismo corpo-alma, tendo sido esta última vista como superior e mais importante que o corpo. Tal questão, um dos problemas mais relevantes, norteará este trabalho. Ainda neste capítulo, será analisado como esse conceito problemático específico, exposto no segundo tópico, foi transportado para a realidade religiosa, apontando-se os riscos de uma concepção que desconsidera o corpo em sua espiritualidade e destacando-se, por exemplo, como tal visão repercutiu na cultura até os dias atuais. A abordagem do dualismo corpo-alma recorre à mesma lógica histórica adotada na exposição do dualismo em geral. Ou seja, o dualismo corpo-alma será abordado ao longo das diversas épocas.

O dualismo tem Platão como um dos principais propulsores, cuja contribuição ecoa até a presente data. A influência de seu pensamento é visível nos mais variados campos do saber, revelando-se bastante vivo nos discursos da sociedade, mesmo que de forma mais sutil². Como este trabalho visa relacionar Educação Física e Religião numa perspectiva que pressuponha uma visão holística do homem, é imprescindível abordar como este foi visto ao longo dos tempos nesses dois campos, detendo-se especialmente no dualismo e em suas consequências no dia a dia. Pretende-se, ainda, compreender a relação, muitas vezes conflituosa, que as duas partes (Educação Física e Religião) com o objeto corpo.

Nesse sentido será discutida a temática que ilustra bem algumas das diferentes formas de definir o corpo e as inúmeras concepções que ele sofreu e sofre na sociedade. Se por um lado, observou-se em determinada época a supervalorização de estudos voltados ao ser humano na sua dimensão material, por outro, em outras épocas,

² Cf. ROSA, Wanderley Pereira da. *O dualismo na teologia cristã: a deformação da antropologia bíblica e suas consequências*. 2010. 163 f. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Teologia da Escola Superior de Teologia, São Leopoldo. 2010, p. 10.

valorizaram-se os estudos voltados à sua dimensão imaterial. É esse breve histórico que disponibiliza subsídios para a melhor compreensão desse quadro, capaz de possibilitar novas formas de pensar e superar pensamentos.

1.1 Dualismo metafísico

Em 1700 d. C., a palavra dualismo caracterizava a doutrina iraniana dos dois princípios. A partir de então, essa palavra passou a ser utilizada para configurar diversas situações relacionadas à História da Filosofia e à Teologia. O seu significado básico, junto com o seu entendimento mais direto e simples, perpassa a distinção entre dois princípios independentes entre si e muitas vezes opostos um ao outro. O espírito e a matéria, o bem e o mal, o corpo e a alma podem ser considerados partes antagônicas, sofrendo sucessivos conflitos, visto que o mundo, sob tal concepção, é muitas vezes pensado a partir desses princípios irreduzíveis entre si³.

O termo dualismo acolhe infinitas possibilidades e tipos específicos, pois além do já conhecido antagonismo entre espírito e matéria ou entre alma e corpo, é comum ouvir outros tipos de dualismos, como razão x sentidos e liberdade x paixões, estabelecendo-se sempre uma oposição de entre ambas as partes.⁴ Com isso, sua natureza é dotada de uma variedade de interpretações e significados e, por essa razão, é fundamental, conforme já dito anteriormente, elucidar esse conceito e suas inúmeras vertentes, e definir qual dualismo será retratado no decorrer do trabalho, para, assim, alcançar um verdadeiro entendimento do problema específico em questão.

Algumas dessas teorias, segundo as quais o dualismo é compreendido e formulado em um sem-número de subdivisões, consideram a essência da inteligência consciente, ou seja, a mente – considerada uma das formas hierárquicas de mundo – situada em um plano não físico, ou seja, algo intocável e invisível aos olhos humanos neste mundo material. Essa concepção de mundo dividido em duas esferas, uma física e outra não física, podem ser muito bem vividas nos contextos religiosos que se apoiam nessa proposta, o que torna interessante a análise, pois possibilita muitas opções para a investigação nessas duas esferas⁵.

³ Cf. ELIADE, Mircea. *Dicionário das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 133.

⁴ Cf. ROSA, 2010, p. 22.

⁵ Cf. BARTOSZECK, Flávio Kulevicz. *Tipos de dualismos na filosofia da mente*. Disponível em: <<http://www.redepsi.com.br/2007/06/08/tipos-de-dualismo-na-filosofia-da-mente/>>. Acesso em: 26 jul. 2017.

É necessário entender que essa maneira dividida e, muitas vezes, hierárquica de enxergar o ser humano e o mundo se instalou por volta do segundo século, baseada em ideias gnósticas⁶ originadas do dualismo antropológico platônico. Platão constrói o seu pensamento a partir do entendimento de que o mundo é dividido em duas realidades distintas: as ideias e as coisas. O mundo das ideias é perfeito, e nessa esfera tudo foi proposto da maneira mais completa e impecável. Já o mundo das coisas é a materialização dessa ideia perfeita e não se configura tão perfeitamente assim, apresentando falhas materiais, pois se encontra neste mundo sensível, caracterizado como mortal e imperfeito. Nessa perspectiva, toda ideia perfeita pensada, quando em contato com este mundo material, torna-se algo que ostenta falhas. Seguindo essa lógica, as “coisas” seriam uma cópia imperfeita das “ideias”.

Em outras palavras, Platão dividiu o ser humano e o próprio mundo em duas partes: a parte sensível, caracterizada pelo mundo material e denominada como o mundo das coisas, e a parte inteligível, configurada como mundo permanente denominado mundo das ideias. O dualismo platônico posteriormente foi compreendido como sendo de tipo idealista, já que o mundo das ideias subordina o mundo sensível. Essa lógica, a realidade *ideal* determina a realidade *material*. No mundo das ideias, essa é a essência do ser. A mente humana, a razão e o bem são considerados eternos e imutáveis, já o corpo humano, o concreto, situado no mundo das coisas, é relativo e aparentemente passageiro⁷.

Quanto a isso, assim se expressa Zabatiero:

As coisas pertencem ao mundo sensível, caracterizado como mutável, temporal, caduco, descambando facilmente para o ilusório. Já as ideias pertencem a outro mundo, o da realidade divina, eterna e imutável. A verdadeira realidade encontra-se unicamente além das aparências sensíveis, no mundo das ideias. As coisas do mundo material não passam de cópias muito imperfeitas deste mundo real⁸.

Percebe-se, na síntese de Zabatiero, uma hierarquia que predetermina o local destinado a cada dimensão descrita por Platão. A grande verdade é que o mundo real e

⁶ “Decorre daí, que para os gnósticos o mundo criado era mau. Seguindo o pensamento helênico, os gnósticos desprezavam o corpo, encarando-o como uma prisão do espírito. Uma armadilha dos poderes demoníacos, do demiurgo que criara o mundo. O objetivo da gnosis (conhecimento) seria alcançar um estado de participação no divino que libertaria a alma do iniciado das limitações da carne. O alvo final seria a união da alma com a pleroma, o mundo espiritual.” (ROSA, 2014, p. 22.)

⁷ Cf. RUBIO, Alfonso García. *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. São Paulo: Paulus, 2006, p. 77.

⁸ ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. *Filosofia para uma teologia inovadora*. Santo André: Academia Cristã Ltda., 2009, p. 67.

verdadeiro só pode ser concebido por meio do mundo das ideias. O mundo sensível tenta simular a realidade, porém esta não consegue ser acessada na plenitude por meio do mundo em que se encontra inserida, ou seja:

Platão, por exemplo, propõe uma compreensão de mundo ao modo de um dualismo: dividiu a realidade em material e imaterial, sensível e suprassensível, empírico e metaempírico. Para ele, o mundo físico e acessível aos sentidos — o ‘mundo sensível’ — é transitório. Um mundo transitório, na acepção platônica, não poderia resumir toda a realidade, afinal, deveria existir algo mais perene, duradouro e verdadeiro sobre o qual se fundaria a multiplicidade de realidades efêmeras. A esse suposto mundo invisível e permanente, composto de ideias e conceitos puros, Platão chamou de ‘mundo inteligível’ ou ‘mundo das ideias’⁹.

Associa-se, também, esse pensamento dualístico metafísico de Platão ao cristianismo em geral. Agostinho de Hipona foi um dos pensadores responsáveis por construir uma teologia assente em ideias platônicas, sendo até hoje muito influente nas mais diversas vertentes do cristianismo (da Idade Média até os dias atuais). Diferentemente de alguns pais da Igreja que preferiram um rompimento radical com a cultura da época, Agostinho apropriou-se de muitos conceitos platônicos. O que chamou a atenção de Agostinho para esse pensamento dualista foi a ideia de imortalidade que Platão apresentava em suas concepções, juntamente com sua proposta de doutrina do pecado original. Portanto, essas duas construções foram fundamentais para Santo Agostinho se relacionar com as concepções neoplatônicas, pois, dessa maneira, a alma é definida como substância dotada de razão e capaz de conduzir o corpo, sendo reconhecida também por sua imortalidade¹⁰.

Outro filósofo que ajuda a pensar nessa estrutura metafísica de dualismo é Aristóteles, que, apesar de ter sido discípulo de Platão, diverge deste e cria a própria maneira de organização da estrutura metafísica, com fundamentos distintos dos outros. Uma de suas críticas se baseava na inexistência da concepção de mundo ideal. Ele não acreditava no mundo inteligível formado pelas ideias, daí o seu dualismo ser denominado *não-idealista*. Sua proposta era ilustrada pela crença na existência de um Ser superior soberano e grande responsável pela origem de tudo. Aristóteles denomina esse Ser supremo como o motor imóvel e o determina como o fundamento principal para todos os seres do universo¹¹.

⁹ ROCHA, Abdruschin Schaeffer. *O Deus que vem a nós: reflexões hermenêutico-teológicas da revelação desde cima e desde baixo*. Disponível em: <<https://bit.ly/2HPLYvs>>. Acesso em: 7 mai. 2018.

¹⁰ Cf. ROSA, 2010, p. 39-40.

¹¹ Cf. KENNY, Anthony. *Filosofia antiga: uma nova história da filosofia ocidental*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008, p. 117.

A concepção de mundo de Aristóteles foi perpassada por ideias trazidas das propostas pré-socráticas e do *Timeu* de Platão. Desse modo, a terra estava no centro de suas discussões e, ao redor dela, o sol, a lua e os planetas eram carregadas pelas esferas cristalinas concêntricas. Aristóteles atribui a construção do corpo celeste a outra composição denominada por ele de “quintessência”. Esse elemento era considerado superior aos quatro tradicionais elementos naturais terrestres. Estes, todavia, eram orientados pelo cosmos, onde suas almas e corpos eram caracterizados por intelectos vivos sobrenaturais em movimento. Por trás desses seres, uma fonte imóvel era a causa do movimento do mundo, que os atraía com o seu próprio amor¹².

Continuando com a proposta metafísica dualista e estabelecendo as possíveis ligações com o cristianismo, Tomás de Aquino (1227-1274 d.C.), influenciado pelas ideias de Aristóteles, formulou sua própria fundamentação dualista metafísica. Por ter sido um frade italiano, sua concepção sofreu uma enorme influência de cunho teológico, de modo que ele buscava um diálogo constante com a metafísica filosófica. O Ser supremo pelo qual Aristóteles denominava como o Motor Imóvel agora é nomeado por Tomás de Aquino como Deus, que, a partir desse pensamento, dividiu os seres em duas substâncias: a simples e a composta. Em todas essas substâncias, uma essência e/ou a natureza do ser humano pode ser encontrada; na simples, pode ser descrita pelo sentido mais verdadeiro e puro da essência da vida, encontrando-se nela um ser mais elevado e nobre, reconhecido como Deus. Já na composta, essas essências são mais fáceis de ser encontradas e seguidas, e são atribuídas aos seres menos evoluídos¹³.

Portanto, a visão de divindade é criada por Aquino, que associou a titulação de substância simples ao ser divino e a qualificação de substância composta aos seres criados, considerados menores que o criador. Para melhor entendimento, esses seres criados são os próprios seres humanos, compostos de forma e matéria. A forma nada mais é que a alma; já a matéria é o corpo, e para algo ser considerado humano, corpo e alma devem coexistir. Sendo assim, a essência e/ou essa natureza não é vista apenas no corpo ou na alma, e sim nessas duas concepções compreendidas em conjunto. Apesar da ideia de corpo a partir dessas duas óticas, há uma hierarquização natural entre alma e corpo. A primeira exerce papel mais destacado em relação à segunda, pois é dotada da

¹² Cf. KENNY, 2008, p. 117.

¹³ AQUINO, Tomás de. *O ente e a essência*. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 6-7.

construção do conhecimento, que diferencia o ser humano dos demais seres da terra. É essa forma racional que faz o homem se assemelhar a Deus¹⁴.

Apesar de o ser humano se diferenciar de outros seres e ser considerado superior, apoiado nessa substância composta, ele nunca será maior que a substância simples, definida como Deus. O ser humano é o ser hierarquicamente entendido como o mais nobre e situado no nível mais elevado das substâncias compostas e pode ser considerado também como imagem e semelhança desse Deus contido na substância simples. Porém, essa semelhança não será perfeita, pois o ser humano não se insere nessa essência mais pura e verdadeira à qual o ser simples está associado, visto que esse ser simples é somente espiritual, sendo a sua forma a sua própria matéria¹⁵.

Ainda considerando essa estrutura de modelo dualista de pensar o mundo, pondera-se esse fenômeno dentro do contexto histórico da modernidade¹⁶. Tal período foi caracterizado por significativas mudanças na estrutura social e religiosa, entre outras organizações que divergiam no período medieval. Porém, essas mudanças não foram fortes o suficiente para romper com as ideias estruturais do dualismo antropológico. Por esse motivo, tal dualismo continuará participando ativamente das ideologias católicas e protestantes, porém apoiada em propostas dualistas de filósofos modernos, como René Descartes, modificando o fundamento da sociedade em sua forma, mas mantendo a sua

¹⁴ AQUINO, 1979, p. 6-7.

¹⁵ Cf. ZABATIERO, 2009, p. 69.

¹⁶ Como é sabido, a expressão “*modernidade*” é polissêmica, ou seja, comporta muitos sentidos. Por um lado é entendida como “o período histórico que vai do século XVI até a primeira metade do século XIX. O termo *modernidade* provém do latim *hodiernus* ou de modo = agora, indica uma periodização histórica que assuma o moderno como época do novo e a interpretação como *Weltanschauung* (S. Cotta). De um ponto de vista historiográfico, a era moderna é a época que se segue à Antiguidade e à Idade Média, segundo uma divisão que substitui a precedente periodização bipartida entre história secular e história religiosa. Na ruptura com o pensamento tradicional, a modernidade nos séculos XVI-XVII tende a diferenciar-se da concepção clássica-cristã, com a busca de uma ordem natural crítico-racional, segundo o modelo da nova ciência. Com o Iluminismo, afirma a centralidade na liberdade humana desvinculada de qualquer princípio e renunciando à hipótese de uma ordem estável e decifrável; com Kant, assume a forma de uma crise de época que instaura novos fenômenos histórico-culturais na ruptura com a tradição e na ênfase ao *novum*. A modernidade, portanto, reestrutura a temporalidade humana com a tese do processo como forma de consciência do homem, superando a concepção de temporalidade clássica caracterizada pelo sentido do limite e secularizando a concepção cristã de tempo. Segundo A. Del. Noce, a modernidade possui as seguintes características: 1. Início cartesiano da filosofia moderna. 2. Conexão entre filosofia moderna e ateísmo; 3. Dupla linha de pensamento na filosofia moderna: a primeira, de Descartes a Nietzsche, e a segunda, de Descartes a Rosmini, destinada a alcançar e esmiuçar o pensamento metafísico tradicional. Ou seja, a modernidade conjuga os temas da emergência do sujeito, o desaparecimento do centro teológico e a afirmação da ciência como a nova visão do mundo e da história”. MANCUSO, V.; PACOMIO, L. (Orgs.). *Lexicon – Dicionário teológico enciclopédico*. Tradução: João Paixão Neto e Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Loyola, 2003, p. 504.

estrutura dualista¹⁷. Não se desmerecem aqui outros autores e sua contribuição com o pensamento na era moderna, como John Locke, Immanuel Kant, etc.

Acompanhando esse pensamento dicotômico já na modernidade, quando as lentes viraram-se para o sujeito, Descartes divide o mundo em dois tipos de substância: a primeira ocupa lugar no espaço, ou seja, tem comprimento, altura e largura, além de palpável, visual e aparente aos sentidos naturais humanos. Em contrapartida, a segunda substância é um pouco mais complexa, não ocupando espaço, nem sendo palpável ou visual. Descartes concebe o mundo como um todo, criado por Deus, atribuindo-lhe movimento próprio. Por isso afirma que “Deus é a causa universal e primária de todos os movimentos no mundo”¹⁸, ou seja, é a fonte de onde emanam todas as coisas e movimentos.

Na filosofia cartesiana, fortes traços dicotômicos exibem um rompimento muito forte entre o mundo material e o espiritual, de tal maneira que a reconciliação dos dois mundos parece quase inconcebível¹⁹.

A perspectiva moderna ainda é metafísica, a despeito de todas as características da modernidade que supostamente fogem do metafísico (em movimentos tais como a ciência, o Iluminismo, etc.), por uma única razão: ela (a modernidade) ainda é fundacionista, pressupondo um fundamento, que agora não é mais a ideia, o cosmos ou mesmo Deus, mas o sujeito, desvinculado da história, ou seja, não-histórico.

O conceito de “dualismo” não é alcançado por apenas uma lógica, mas é compreendido a partir de vários autores e entendido sob diversos prismas, de acordo com cada contexto histórico. Uma breve síntese dessa trajetória de conceitos revela o seguinte resultado: a metafísica antiga era composta pela proposta de ideia e de coisa de Platão, sendo influenciada e repensada por Aristóteles e sua concepção de cosmos; na metafísica prevalente no período medieval (cristã), Deus se transforma no fundamento, em lugar tanto da ideia (Platão) quanto do cosmos (Aristóteles); segue-se um mundo repleto de mudanças oriundas do período moderno, em que o dualismo é influenciado pelos escritos de Descartes e pela sua concepção de sujeito pensante. À atualidade cabe lidar com esse emaranhado de possibilidades de propostas e ações dualísticas²⁰.

¹⁷ Cf. DUSSEL, Enrique. *El Dualismo em La Antropología de La Cristiandad: Desde El origen Del Cristianismo hasta antes de La conquista de América*. Buenos Aires: Guadalupe, 1974, p. 230.

¹⁸ Cf. COTTIGHAN, John. *Dicionário Descartes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995, p. 46.

¹⁹ Cf. ALMEIDA, 2003, p. 25.

²⁰ Cf. DUSSEL, 1974, p. 230.

1.2 O dualismo corpo e alma

O dualismo “corpo-alma” presume o ser humano como cindido em duas partes: o corpo e a alma²¹. Os indivíduos são fragmentados, ocupando a alma papel de maior destaque em relação ao corpo. Essa maneira de enxergar o ser humano é bastante remota, com origens em tradições pré-socráticas, mas foi Platão quem mais contribuiu para a sua disseminação.

Nascido em Atenas em 428-427 a.C, Platão viveu entre a fase áurea da democracia ateniense e o final do período helênico. Sua obra filosófica representou, em vários aspectos, a expansão de um pensamento alimentado pelo clima de liberdade e de apogeu político²². Grandemente influenciado por seu mestre Sócrates, Platão deixa um legado incontestável, com obras geralmente denominadas de “diálogos socráticos”, por terem Sócrates como personagem principal. Entre tais diálogos está a *Apologia de Sócrates*, que retrata a defesa feita pelo próprio Sócrates perante a Assembleia que o julgou e condenou por impiedade e corrupção da juventude. Essencialmente, Platão procura mostrar que as acusações levantadas contra o mestre eram destituídas de veracidade. Outros diálogos importantes de Platão são *República*, *Cármides*, *Górgias*, *Protágoras*, os dois *Hípias* e *Fédon*, retratando em geral questões ligadas à ética, o problema político, a retórica, etc.

Para Platão, o homem é constituído de corpo e alma, sendo aquele prisão desta²³. Ainda para o filósofo, a alma se corrompe no contato que estabelece com a matéria, nesse caso o corpo, de modo que a morte do corpo proporciona a salvação da alma²⁴.

Platão aborda questões ligadas ao dualismo corpo-alma no diálogo *Fédon*, importante no âmbito deste trabalho, ainda que seu exame aqui seja breve. Nessa obra, alma e corpo são vistos e tratados como entidades distintas, pertencentes a mundos diversos, e sua relação é retratada negativamente, haja vista que o corpo é entendido como prisão para a alma²⁵, ou seja, empecilho à sua plena realização e à obtenção do puro conhecimento. Num diálogo entre Sócrates e Símiias, o primeiro diz a este:

²¹ Cf. ALMEIDA, 2003, p. 9.

²² Cf. PLATÃO. *Diálogos*. São Paulo: Nova Cultural, 1991, p. 11.

²³ Cf. LE BRETON, David. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Campinas: Papirus, 2013.

²⁴ Cf. ALBANO Fernando. *Dualismo corpo/alma na teologia pentecostal*. Disponível em: <<https://goo.gl/sKCMx2>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

²⁵ Cf. ALBANO Fernando. *Dualismo corpo/alma na teologia pentecostal*. Disponível em: <<https://goo.gl/sKCMx2>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

[...] Por outro lado, ensina-nos a experiência que, se quisermos alcançar o conhecimento puro de alguma coisa, teremos de separar-nos do corpo e considerar apenas com a alma como as coisas são em si mesmas. Só nessas condições, ao que parece, é que alcançaremos o que desejamos e do que nos declaramos amorosos, a sabedoria, isto é, depois de mortos, conforme nosso argumento o indica, nunca enquanto vivermos. Ora, se realmente, na companhia do corpo não é possível obter o conhecimento puro do que quer que seja, de duas uma terá de ser: ou jamais conseguiremos adquirir esse conhecimento, ou só o faremos depois de mortos, pois só então a alma se recolherá em si mesma, separada do corpo, nunca antes disso. Ao que parece, enquanto vivermos, a única maneira de ficarmos mais perto do pensamento é abstermo-nos o mais possível da companhia do corpo e de qualquer comunicação com ele, salvo o estritamente necessário, sem nos deixarmos saturar de sua natureza, sem permitir que nos macule, até que a divindade nos venha libertar. Não é permitido ao impuro entrar em contato com o puro²⁶.

Percebe-se, na fala de Sócrates, que o corpo ocupa posição inferior à alma, devendo esta desfazer-se daquele, pois impossível é o puro entrar em contato com o impuro, sem, contudo, perder a essência. O corpo nada mais é do que esterco maculando a pureza característica da alma e impedindo que o sujeito obtenha o conhecimento pleno, daí a felicidade de Sócrates diante da sentença de morte.

Platão deixa claro que Sócrates valorizava o ato de raciocinar para chegar à realidade verdadeira das coisas. Nesse caminho, os sentidos como visão e audição, instrumentos meramente carnis, não são confiáveis nessa busca incessante de algo que se considere verdadeiro. O corpo é algo de essência má e a alma é divina, tanto que a morte, do ponto de vista desse filósofo, não é considerada ruim, pois pertence aos planos da divindade.

O fato de encarar a morte de maneira bem tranquila e até feliz justifica-se pelo real afastamento entre alma e corpo. Por isso, não há sentido na tristeza por tal acontecimento, pois a verdadeira imortalidade da alma e a legítima purificação acontecerão nesse distanciamento entre as duas partes pela morte²⁷.

A felicidade de Sócrates no leito de morte é mínimo curiosa, considerando-se que a maioria das pessoas é tomada de desespero pela incerteza da morte. Por essa razão, alguns de seus discípulos encontravam-se em situação conflituosa, cercados por sentimentos de prazer e de dor. Esses sentimentos controversos podem ser explicados pelo fato de a morte ser vista de outra maneira por Sócrates. Seus seguidores, assim, procuravam se apoiar nessa ideia. Certamente sentiriam sua falta, pois a alma de seu

²⁶ PLATÃO, 1991, p. 7.

²⁷ Cf. ROSA, 2010, p. 14.

Mestre não habitaria mais este mundo, mas o mundo desejado, além de qualquer tipo de conexão²⁸.

No conceito de morte de Sócrates, retratado por Platão, a alma alcançaria o contato com os deuses a partir do momento em que o ser buscasse a sabedoria e lutasse contra os feitiços do corpo de forma incisiva e decidida. Do contrário, ela estaria destinada a um local inferior e mais sombrio do que o contato com os deuses. Profundo apreciador da razão e da sabedoria, Sócrates via a morte com bons olhos. Para ele, esse evento não era um fim, mas a libertação de algo ruim. A alma só pode ser libertada de um mundo mau quando se desvincula dessa relação por vezes desarmônica com o corpo. O único instrumento capaz de definir essa ruptura definitiva é a morte, que conduz à imortalidade por meio de uma relação com o mundo espiritual²⁹.

Uma nova abordagem do corpo e da alma surge com Aristóteles. Discípulo de Platão por 19 anos, rompeu com os ensinamentos do mestre depois da sua morte, criando o próprio sistema filosófico a partir da crítica ao pensamento platônico, sobretudo no que diz respeito à Teoria das Ideias³⁰.

Sua obra *Sobre a alma* trata longamente do corpo e da alma, e diferentemente de Platão e outros filósofos anteriores, ou mesmo contemporâneos a ele, não os apresenta como duas realidades em permanente conflito, entendendo em primeiro lugar a alma como essência que diferencia os seres animados dos inanimados, bem como o princípio de organização do corpo, sem, contudo ser superior a este³¹. Sustenta que a alma não é prisão do corpo, mas o constitui. Afirma, assim:

Que a alma não é separável do corpo, ou pelo menos certas partes dela não são – se é que a alma por natureza é divisível em partes -, isso não levanta dúvidas, pois o ato de algumas é o ato das partes mesmas. Nada impede, no entanto, que algumas partes sejam separáveis, por não serem ato de nenhum corpo. Além disso, não fica claro se a alma é o ato do corpo assim, ou como o marinheiro é o do navio³².

Ele também afirma que “a alma, com efeito, não é o ser e a definição de um corpo daquele tipo, mas sim de um corpo natural de uma qualidade tal que possua em si

²⁸ Cf. PLATÃO, 1991, p. 64-65.

²⁹ ROSA, 2010, p. 15.

³⁰ Cf. BRASIL. Ministério da Educação; UNESCO. In: Isabel Cristina Moura de Carvalho, Mauro Grün e Rachel Trajber. (Org). *Pensar o ambiente: bases filosóficas para a Educação Ambiental*. Brasília: Eletrônica, 2006. Disponível em: <<https://goo.gl/WjzBwy>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

³¹ Cf. ARAÚJO, Hugo Filgueiras. *Relação corpo e alma, no De Anima de Aristóteles*. Disponível em: <<https://goo.gl/hM4Tj5>>. Acesso em: 28 fev. 2018.

³² ARISTÓTELES. *Sobre a Alma*. Lisboa: Biblioteca de Autores clássicos, 2010, p. 63-64.

mesmo o princípio do movimento e do repouso”³³. Ora, o que se depreende de suas afirmações é que a alma não se encontra em posição privilegiada em relação ao corpo, mas com este forma uma unidade, apesar de serem partes distintas, sendo fundamentais uma para a outra. Ou seja, corpo e alma não são a mesma coisa; o corpo não pode ser alma e ter os mesmos atributos, nem a alma pode ser corpo e partilhar das características deste. São duas dimensões que se completam e cooperam mutuamente: “corpo é matéria e alma é a forma do mesmo, corpo é potência e a alma, a sua atualidade”³⁴.

Tanto as ideias de Platão quanto as de Aristóteles muito influenciaram o pensamento cristão desde os seus primórdios até os dias atuais. Paulatinamente, surgiram segmentos no próprio cristianismo com características claras desse pensamento, como o gnosticismo cristão³⁵ e ao marcionismo³⁶, caracterizados por um tipo de dualismo matéria-espírito. Quanto ao primeiro grupo, por exemplo, Walker afirma que “é característica do pensamento gnóstico cristão enfatizar o paralelismo entre essas duas ordens (pleroma e kénoma). Tudo que é verdadeiro e importante acontece na Plenitude, mas é imitado de uma maneira transposta no nível inferior do cosmo visível”³⁷.

O cristianismo, na sua expansão, muito assimilou ideias filosóficas para alcançar as diversas camadas da sociedade. Por exemplo, em relação à evangelização de intelectuais romanos e gregos, Marilena Chauí afirma:

Para convertê-los e mostrar a superioridade da verdade cristã sobre a tradição filosófica, os primeiros Padres da Igreja ou intelectuais cristãos (São Paulo,

³³ ARISTÓTELES, 2010, p. 64.

³⁴ Cf. ARAÚJO, Hugo Filgueiras. *Relação corpo e alma, no De Anima de Aristóteles*. Disponível em: <<https://goo.gl/hM4Tj5>>. Acesso em: 28 fev. 2018.

³⁵ Movimento religioso que nos primeiros séculos do cristianismo se desdobra numa multidão de seitas que partilhavam uma comum concepção de gnose, combatida e rejeitada pela igreja. Esse movimento nos é conhecido pela polêmica dos heresiólogos, que dá a seu respeito uma imagem muitas vezes deformada, mas também por textos originais que descobertas vieram enriquecer, sendo a mais recente (1945) e a mais importante a da biblioteca copta de Nag-Hammadi. Entre as principais características do Gnosticismo encontramos: 1) um fator dualista, que leva a dissociar a criação da redenção, como leva também a separar totalmente o mundo sensível, dominado pelas potências más ou limitadas, e o mundo espiritual, domínio do Deus transcendente e “desconhecido”; 2) a ideia de um conhecimento privilegiado transmitido por tradição secreta que desvela os mistérios do mundo celeste; 3) uma especulação que explora a plenitude do divino (ou Pleroma) e indaga sobre as entidades (ou cons) que o formam de um modo que leva com frequência a uma verdadeira mitologia; 4) um antijudaísmo que não quer ver no “deus dos judeus” senão o Demiurgo criador do universo. Cf. LACOSTE, Jean Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004, p. 773.

³⁶ Movimento religioso que tem como principal ícone Marciano. Nascido na Ásia Menor em 85 d.C., insistia numa leitura literal da Lei e dos Profetas, não os entendendo como símbolos e prenunciadores da dispensação cristã. Do exercício dessa leitura, chegou à conclusão de que o Deus do Pacto mosaico e o Deus de Jesus e de Paulo têm duas coisas bastante diferentes. O último era um Deus de amor e de misericórdia, ao passo que o Outro era um Deus de justiça severa – arbitrário e incoerente, e mesmo tirânico. Cf. WALKER Wiliston. *História da Igreja Cristã*. São Paulo: ASTE, 2006, p. 83-85.

³⁷ Cf. WALKER, 2006, p. 79.

são João, santo Ambrósio, santo Eusébio, santo Agostinho, entre outros) adaptaram as idéias filosóficas à religião cristã e fizeram surgir uma Filosofia cristã³⁸.

Referindo-se ainda à assimilação dos conceitos filosóficos, Chauí afirma que surgiram os seguintes pontos doutrinários:

Separação entre material-corporal e espiritual-incorporal; separação entre Deus-Uno e o mundo material; transformação da primeira emanção neoplatônica (Ser, Inteligência, Alma do Mundo) na ideia [sic] da Trindade divina, pela afirmação de que o Deus-Uno se manifesta em três emanções idênticas a ele próprio: o Ser, que é o Pai; a Inteligência, que é o Espírito Santo; a Alma do Mundo, que é o Filho; afirmação de que há uma segunda emanção, isto é, aquela que vem da luz da Trindade e que forma o mundo inteligível das puras formas ou inteligências imateriais perfeitas, que são os anjos (arcanjos, querubins, serafins, etc.); modificação da ideia [sic] neoplatônica quanto ao mundo sensível pela afirmação de que o mundo sensível ou material não é uma emanção de Deus, mas uma criação: Deus fez o mundo do nada, como diz a Bíblia, no livro da Gênese; admissão de que a alma humana participa da divindade, mas não diretamente, e sim pela mediação do Filho e do Espírito Santo, e que o conhecimento intelectual não é suficiente para levar ao êxtase místico e ao contato com Deus, sendo necessária a graça santificante, que o crente recebe por um mistério divino. **Do estoicismo, o cristianismo manteve duas ideias [sic]:** a de que existe uma Providência divina racional, que governa todas as coisas e o homem; h) a de que a perfeição humana depende de abandonar todos os apetites, impulsos e desejos corporais ou carnisais, entregando-se à Providência. Essa entrega, porém, não é como pensavam os estóicos, uma ação deliberada de nossa vontade guiada pela razão, mas exige como condição a fé em Cristo e a graça santificante. O gnosticismo será considerado uma heresia e, por isso, rejeitado. **No entanto, o cristianismo conservará do gnosticismo duas idéias:** que o Mal existe realmente: é o demônio; i) que a matéria ou a carne é o centro onde o demônio, isto é, o Mal, age sobre o mundo e sobre o homem³⁹. (Grifo nosso)

A assimilação de tais conceitos não se deu repentinamente, mas de modo gradual, com fortes debates no seio do cristianismo, o que levou à organização de alguns concílios⁴⁰ para apaziguar a situação e/ou estabelecer qual pensamento devia ser adotado. Foram surgindo escolas, tendo como características o uso da filosofia grega, especialmente a platônica, para explicar os pilares básicos da representação do mundo e do homem. Citam-se, a título exemplificativo, a escola de Alexandria e a escola de Roma, tendo a primeira, como um dos expoentes, Clemente e a segunda, Justino. Foi a assimilação dos conceitos filosóficos gregos que tornou, pouco a pouco, a fé cristã dualista.

³⁸ CHAÚÍ, Marilena. *Um convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2000, p. 283.

³⁹ CHAÚÍ, 2000, p. 285.

⁴⁰ Entre tais concílios podemos citar o Primeiro e Segundo Concílios de Niceia (325 e 787 d.C.); Primeiro, Segundo e Terceiro Concílios de Constantinopla (381, 553, 681 d.C.); Primeiro Concílio de Éfeso (431 d.C.).

Daí a grande influência do dualismo corpo-alma na visão cristã. Em outros termos, o corpo sofre forte negação, juntamente com tudo aquilo que é considerado material e mortal, e a alma é valorizada ao extremo.

Após um período de assimilação de conceitos filosóficos gregos, a expansão para as demais regiões (Ásia Menor, África do Norte, etc.) e a perseguição movida, muitas vezes, pelo próprio Império Romano, o cristianismo se tornou a religião oficial do Império. Novos movimentos dentro do próprio cristianismo foram surgindo, mas já baseados no ideal filosófico grego do dualismo. Dentre tais movimentos, encontra-se o Monasticismo, cujos praticantes se identificavam bastante com o ideal helênico da vida filosófica, “uma vida que se afastava da dependência das coisas externas e, através da prática da virtude, buscava harmonia com a (e conhecimento contemplativo da) realidade última”⁴¹.

O período compreendido entre os séculos V e XV, comumente conhecido como Idade Média, ficou marcado principalmente pelo cristianismo, um dos responsáveis pela construção do próprio ocidente. Um dos resultados desse processo de construção pode ser visto pelos fundamentos das nações europeias apoiados sob a liderança da igreja.⁴² De perseguida, essa instituição passou a “conduzir” os destinos da cultura ocidental, comandando as principais decisões. Apesar de tal domínio, das novas controvérsias e, posteriormente, com o declínio do cristianismo com a revolução burguesa, o dualismo, em geral, e especificamente o dualismo corpo-alma encontrava-se em voga no período em destaque.

Após uma crise moral no seio do próprio cristianismo na Alta Idade Média, diversas ordens monásticas foram surgindo, com o intuito primordial de se manter afastadas do mundo e dos prazeres do corpo, para uma imitação resoluta de Cristo, o Senhor.

A respeito da situação, Walker afirma que “em todo canto havia um despertar para a necessidade de disciplina, simplicidade de vida, e um espírito de dedicação resoluta ao sacerdócio; eram repreendidas a mundaneidade do clero e a escravização aos interesses seculares”⁴³. Ou seja, o cristianismo não deixava de lado a lente dualista, cultivando a ideia de supervalorização da alma em detrimento do corpo, do espiritual em prejuízo da satisfação dos ditos desejos da carne. Em outras palavras, o corpo não deixou de ser visto como empecilho à realização da alma. Reinam a cultura

⁴¹ WALKER, 2006, p. 181.

⁴² Cf. ROSA, 2010, p. 38.

⁴³ WALKER, 2006, p. 311.

celibatária, a luta contra a natureza humana e os prazeres da carne, e uma das ações práticas para isso pode ser exemplificada pela preservação da virgindade, reconhecendo-se nesse gesto a preparação do corpo glorificado para um tipo de estado paradisíaco assumido pelo Espírito.⁴⁴ O rompimento com o mundo material é estabelecido, esculpindo uma vida cristã pautada no esforço e no sacrifício na luta contra os desejos carnis. Nesse sentido, a morte para este mundo era idealizada, resultando na dedicação exclusiva ao mundo espiritual. Uma dessas formas de morte material poderia ser traduzida pelos retiros no deserto⁴⁵.

Merece atenção o modo como essa visão de ser humano foi entendida durante a Idade Moderna. Diferentemente da Idade Média, o cristianismo não se encontra mais no centro de comando da cultura ocidental. Entretanto, os resquícios da filosofia grega nele contidos estão presentes mesmo na atualidade.

O trato do dualismo corpo-alma na Idade Moderna não prescinde da contribuição de René Descartes (1596-1650), como já dito. A dicotomia de Descartes é denominada comumente de dualismo, e seu olhar para o universo também recai sobre o ser humano, a seu ver, constituído por duas substâncias.

A primeira é denominada de *res extensa* (do latim, “coisa extensa”). A matéria que conhecemos e, mais especificamente, o corpo, seriam modificações dessa substância. Dotado de extensão, o corpo pode ser medido e calculado. Outra característica importante do corpo é o movimento: o sangue circula, os músculos se flexionam e se estendem. Por fim, como substância extensa, o corpo não pensa. O pensamento é uma operação que nunca pode ser atribuída ao corpo, mas à alma (*res cogitans*), a outra substância que compõe o ser humano. Para Descartes, sem alma não há pensamento. Para Peixoto:

[...] Descartes elabora sua concepção epistemológica com base na dúvida ao transformá-la em método. É a partir daí que elabora também sua abordagem sobre o corpo. Define-o como pura exterioridade, uma substância *extensa*, material. Considera que o ser humano é constituído por duas substâncias distintas: a substância pensante, de natureza espiritual, que é o pensamento; e a substância *extensa*, de natureza material, que é o corpo. Mantém, com isso, o dualismo psicofísico instituído por Platão. Difere deste porque trata o corpo como corpo-objeto, associado à ideia mecanicista do ser humano-máquina. Platão defende o pressuposto de que a alma, antes de ser introduzida no corpo, teria vivido no mundo puramente espiritual, mundo perfeito, mundo das ideias. Ao se unir ao corpo, ela se degrada, vindo a ter influência do mundo dos sentidos. Com isso, ela passa a ter duas dimensões: uma superior (a alma intelectual) e outra inferior (a alma do corpo). Esta última é irracional

⁴⁴ Cf. HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *O Celibato Sacerdotal: História*. In: *Teocomunicação – A Política no Brasil*, v. 21, n. 94. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1991. p. 547.

⁴⁵ Cf. ROSA, 2010, p. 30.

e está dividida em duas partes: a irascível, que é impulsiva, localizada no peito; e a concupiscível, centrada no ventre e voltada para os desejos de bens materiais e o apetite sexual⁴⁶.

Como, segundo o dualismo, uma das partes do ser seja mais importante que a outra, numa espécie de hierarquização das substâncias, para Descartes isso não foi diferente. Ele se apropriou desse mesmo formato hierárquico dualístico e concluiu que o corpo físico, apontado como a primeira substância (com lugar no espaço), não era considerado o eu real do ser humano. Em contrapartida, a segunda substância (pensante e sem lugar no espaço) desempenharia esse papel privilegiado⁴⁷.

Logo, considera-se uma relação hierárquica entre a primeira e a segunda substância, sendo esta última a mais importante. Por esse ponto de vista, mesmo sem ser tocado e visto, o pensamento, para Descartes, poderia ser ponderado como o ser humano real. Para notar que o ser é composto por uma substância pensante, Descartes apostava na introspecção, ou seja, na relação íntima com seu interior, como meio de verificação e confirmação do atributo de ser pensante dos sujeitos humanos. Além disso, o corpo, como sistema apenas físico (material), era incapaz de compreender algo tão excepcional e complexo, como o sistema de linguagem e os raciocínios matemáticos⁴⁸.

Aqui se esclarece um pouco mais a posição de Descartes a respeito da substância pensante:

E, embora talvez (ou, antes, certamente, como direi logo mais) eu tenha um corpo ao qual estou muito estreitamente conjugado, todavia, já que, de um lado, tenho uma ideia clara e distinta de mim mesmo, na medida em que sou apenas uma coisa pensante e inextensa, e que, de outro, tenho uma ideia distinta do corpo, na medida em que é apenas uma coisa extensa e que não pensa, é certo que este eu, isto é, minha alma, pela qual eu sou o que sou, é inteira e verdadeiramente distinta de meu corpo e que ela pode ser ou existir sem ele⁴⁹.

Para Descartes, portanto, a alma independe do corpo. Ela é completa e soberana, no que diz respeito a seus privilégios, em detrimento do corpo e de todo o mundo visível e palpável. Há fortes traços dicotômicos nessa forma de pensar, que confirmam as mesmas estruturas configuradas nos outros tipos metafísicos de dualismo.

⁴⁶ PEIXOTO, Adão José. Os sentidos formativos das concepções de corpo e existência na fenomenologia de Merleau-Ponty. *Rev. abordagem gestalt.*, Goiânia, vol. 18 n°1, jun. 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/yqtFyx>>. Acesso em: 22 jul. 2017.

⁴⁷ Cf. BARTOSZECK, Flávio Kulevicz. *Tipos de dualismos na filosofia da mente*. Disponível em: <<https://goo.gl/ZaihWw>>. Acesso em: 26 jul. 2017.

⁴⁸ Cf. BARTOSZECK, 2017.

⁴⁹ DESCARTES, René. *Meditações metafísicas*. Disponível em: <<http://bit.ly/2tgklcu>>. Acesso: 22. jul. 2017.

Mas apesar dessa divisão, Descartes esclarece que os componentes do ser humano estabelecem uma comunicação pela medula da espinha dorsal, passando ao cérebro⁵⁰, e este, por sua vez, provoca uma impressão na alma.

Há similaridades há entre as ideias de todos esses autores, especialmente no que se refere à divisão dos constituintes humanos. Entretanto, como se observa, divergem quanto à existência ou não de hierarquia entre esses elementos. A influência desses autores é inegável na contemporaneidade, orientando as lentes com que se enxerga a realidade.

1.3 O corpo e o ocidente cristão

Importa agora centrar especificamente no modo como o cristianismo tem visto o corpo em si. Para tanto, procurou-se traçar um breve histórico com vistas a verificar as diferentes maneiras pelas quais o corpo foi e é visto. Esse recorte é pertinente pela influência do cristianismo na cultura ocidental, a ponto de embasá-la.

Na maior parte das religiões, o corpo sempre ocupou lugar de destaque, e o cristianismo não constitui exceção, apesar de ver a matéria corporal como impureza.

Embora na Grécia Antiga e no Império Romano houvesse influentes filósofos, cujo pensamento era voltado à valorização da alma, em detrimento do corpo, havia na cultura dessas civilizações o fascínio pela estética do corpo⁵¹, porém o cristianismo, alimentado por esses filósofos, supervalorizou a alma, alçando-a a uma dimensão superior. Por outro lado, o cuidado do corpo e a satisfação dos seus desejos sempre foram vistos negativamente, ou seja, como algo pecaminoso e sem valor. Tal visão negativa do corpo se fortaleceu sobremaneira na Idade Média, época em que o cristianismo foi um instrumento valioso no mundo político, pois além do seu grande poder econômico, influía fortemente na mente das pessoas, interferindo na esfera privada de cada indivíduo, determinando o prisma pelo qual se deveria ver o mundo. Para Barbosa:

O homem medieval era extremamente contido, a presença da instituição religiosa restringia qualquer manifestação mais criativa. O cristianismo dominou durante a Idade Média, influenciando, portanto, as noções e

⁵⁰ Cf. NEGRÃO, Ronaldo Ferreira. *Concepções de ser humano na educação e na educação física*. Disponível em: <<https://goo.gl/NZ4oac>>. Acesso em: 27 jul. 2017.

⁵¹ LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. *Uma história do corpo na idade média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 31.

vivências de corpo da época. A união de Igreja e Monarquia trouxe maior rigidez dos valores morais e uma nova percepção de corpo⁵².

O autor ainda afirma:

Com o cristianismo assiste-se a uma nova percepção de corpo. O corpo passa da expressão da beleza para fonte de pecado, passa a ser ‘proibido’. O cristianismo e a teologia por muito tempo foram reticentes na interpretação, crítica e transformação das imagens veiculadas do corpo. Uma das razões será porque o cristianismo possui uma história própria e de difícil relação com o corpo. Durante muito tempo foram centrais a espiritualização e o controle de tudo o que é material⁵³.

Os mosteiros disseminaram-se, distantes da sociedade, cultivando virtudes entendidas como inerentes à alma, para o devido crescimento espiritual. Dessa maneira, cresce de modo vertiginoso no seio do cristianismo uma linha mais radical e ascética, pois muitos cristãos rompiam drasticamente com o mundo, abandonando toda prática considerada “mundana” por eles. Esse pensamento pode exemplificar o que significava ser cristão naquela época, negando totalmente o corpo e os prazeres do mundo. Tais prazeres variavam de desejos sexuais aos deleites da boa alimentação. Por essa razão, o rompimento com a vida nessa sociedade material era cobijado de forma rigorosa e violenta, e a alienação levava os seguidores dessa nova maneira de viver à abstenção do sexo, levando muitos a abandonar os respectivos cônjuges para viver para Deus e seus princípios⁵⁴.

É nesse sentido que “muitas de nossas mentalidades e de nossos comportamentos foram concebidos na Idade Média. Isso é válido também para as nossas atitudes em relação ao corpo”⁵⁵. Ou seja, muitas concepções a respeito do corpo foram construídas na Idade Média, e mesmo antes, determinando comportamentos e concepções, e assinalando a influência social do cristianismo no seu apogeu.

Para Rodrigues, “esse período foi marcado pelas representações dos opostos. Tudo era dividido entre bem e mal, céu e inferno, sagrado e profano. As atividades relacionadas ao corpo ficavam como secundárias, não valorizadas pela sociedade, tendo prestígio as atividades relacionadas ao raciocínio”⁵⁶, evidenciando que o pensamento

⁵² BARBOSA Raquel; MATOS, Paula Mena; COSTA, Maria Emília. *Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje*. Disponível em: <<https://goo.gl/es5anu>>. Acesso em: 4 fev. 2018.

⁵³ BARBOSA Raquel; MATOS, Paula Mena; COSTA, Maria Emília. *Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje*. Disponível em: <<https://goo.gl/es5anu>>. Acesso em: 4 fev. 2018.

⁵⁴ ROSA, 2010, p. 20.

⁵⁵ SANTANA, Viviane Caminhas, et al. Dogmas e prazeres: o discurso moral religioso em torno da vivência da sexualidade no ocidente medieval. *Revista Margem Interdisciplinar*, Pará, v. 8, nº 11, 2014.

⁵⁶ RODRIGUES, Renato Gonçalves. *O corpo na história e o corpo na igreja hoje*. Disponível em: <<https://goo.gl/qEXVqJ>>. Acesso em: 25 out. 2017.

predominante tinha como substrato o dualismo. A concepção cristã relativa ao corpo era:

De um lado, o corpo é desprezado, condenado, humilhado. A salvação, na cristandade, passa por uma penitência corporal. No limiar da Idade Média, o papa Gregório, o Grande, qualifica o corpo de ‘abominável vestimenta da alma’. O modelo humano da sociedade da alta Idade Média, o monge, mortifica seu corpo. O uso do cilício sobre a carne é o sinal de uma piedade superior. Abstinência e continência estão entre as virtudes mais fortes. A gula e a luxúria são os maiores pecados capitais⁵⁷.

Le Goff afirma:

As manifestações sociais mais ostensivas, assim como as exultações mais íntimas do corpo, são amplamente reprimidas. É na Idade Média que desaparecem sobretudo as termas, o esporte, assim como o teatro herdado dos gregos e dos romanos; e os próprios anfiteatros, cujo nome passará dos jogos de estádio às disputas do espírito teológico no seio das universidades. Mulher diabolizada; sexualidade controlada; trabalho manual depreciado; homossexualidade no princípio condenada, depois tolerada e enfim banida; riso e gesticulação reprovados; máscaras, maquiagem e trajes condenados; luxúria e gula associadas [...] O corpo é considerado a prisão e o veneno da alma. À primeira vista, portanto, o culto do corpo da Antiguidade cede lugar, na Idade Média, a uma derrocada do corpo na vida social⁵⁸.

Inverteu-se, assim, a visão que se tinha do corpo. Se durante séculos, ocupou lugar de destaque, com sua beleza cultuada, com a institucionalização do cristianismo no mundo ocidental foi relegado, juntamente com seus prazeres, a segundo plano, ou seja, desprezado. Assim, quanto mais determinada era a pessoa ao mortificar o próprio corpo, mais admirável se tornava aos olhos da sociedade, pois esse era o ideal pregado pela Igreja⁵⁹.

Subentende-se, por outro lado, certa valorização do corpo, considerando que Cristo fez-se homem para salvar a humanidade, o que aproxima o crente do perfil de Cristo, utilizando-se o corpo como instrumento de exaltação a Deus, o que era e ainda é visto como prestígio.

Cabe aqui levantar também a discussão da diferença entre *soma* e *sarx*, confusa no decorrer do tempo, pois para a teologia de Paulo, o termo corpo abriga uma amplitude de significados. *Soma* para ele pode expressar o caráter de “humanidade criada”, ou seja, “existência corporificada”. A corporeidade é sempre ameaçada, uma vez que o pecado se torna real, distinguindo assim *soma* e *sarx*. Portanto, para Paulo,

⁵⁷ LE GOFF; TRUONG, 2006, p. 11.

⁵⁸ LE GOFF; TRUONG, 2006, p. 32.

⁵⁹ RODRIGUES, Renato Gonçalves. *O corpo na história e o corpo na igreja hoje*. Disponível em: <<https://goo.gl/qEXVqJ>>. Acesso em: 25 out. 2017.

não há identidade humana sem corporeidade. *Soma* pode ser dividida em três contextos temáticos: “1) como designação neutra da constituição corpórea do ser humano; 2) em um sentido qualificador negativo; 3) o uso positivo como expressão abrangente do *self* humano”. A *sarx* pode designar a condição exterior do ser humano identificada como um sentido neutro. Pode-se-lhe atribuir sentido negativo, “apresentando para os seres humanos que vive de si mesmo e confia em si mesmo ao âmbito da carne, caracterizando-se como carnal em oposição ao espiritual”.⁶⁰

O pensamento de negatização do corpo não ficou estagnado na Idade Média, norteando atualmente a doutrina das mais diversas agremiações religiosas. O corpo é martirizado de modo a se tornar morada digna do Espírito Santo, segundo o entendimento neotestamentário de que ele é templo do Espírito de Deus. São várias as passagens escritas por Paulo, utilizadas fora de contexto, de modo a justificar o desprezo do corpo, entre as quais se destacam: “Antes subjugo o meu corpo, e o reduzo à submissão, para que, depois de pregar a outros, eu mesmo não venha a ficar reprovado” (I Coríntios 9:27); “Pois o exercício corporal para pouco aproveita, mas a piedade para tudo é proveitosa, visto que tem a promessa da vida presente e da que há de vir” (II Timóteo 3.16).

Essas passagens acima trouxeram para o seio das comunidades cristãs o entendimento da superioridade do espírito sobre o corpo, que até hoje vigora na maior parte das doutrinas religiosas das comunidades cristãs, resguardadas algumas mudanças pontuais pelos muitos séculos desde o auge da negação do corpo.

O Renascimento trouxe uma mudança na visão do corpo no ocidente cristão. Para Almeida, ele se distancia do ser humano, que começa a enxergá-lo como objeto a ser disciplinado com vistas ao seu controle, com variadas ciências manipulando-o para estudos. Essa nova forma de conceber o corpo foi muito importante para a concepção de um homem não mais tão submisso aos dogmas religiosos, que passaram a ser questionados, numa oposição ao período medieval, quando a Igreja julgava e punia qualquer ato divergente de seu pensamento⁶¹. De periférico, o homem passa a ser o centro de tudo, passando-se do teocentrismo ao antropocentrismo. O corpo humano agora se torna obra de arte, e o seu cuidado se transforma em uma das maiores preocupações que até hoje impactam o mundo ocidental. Para Pelegrini, citado por

⁶⁰ QUEIROZ, Carlos; PORTELLA, Rodrigo. *O corpo, a semente e o fruto: a antropologia paulina entre o simbólico e o conceitual em seu discurso sobre o ser humano e sua ressurreição*. REFLEXUS - Ano XII, n. 19, 2018/1, p. 256.

⁶¹ Cf. ALMEIDA, 2003, p. 17.

Barbosa, nesse período “a obtenção do corpo sadio dominava o indivíduo: a prática física domava a vontade, contribuindo para tornar o praticante subserviente ao Estado”⁶². Portanto, o que se observa então é uma atenção redobrada ao corpo, em contraste com o período anterior.

O trato do corpo e do ocidente cristão não pode ignorar a contribuição de Sigmund Freud e Friedrich Nietzsche. Freud, em sua abordagem do sofrimento humano, sustenta que a religião em geral e o cristianismo, particularmente, também seria responsável pela construção de uma sociedade imersa no sentimento de culpa, pois “impõe igualmente a todos o seu próprio caminho para a aquisição da felicidade e da proteção contra o sofrimento. Sua técnica consiste em depreciar o valor da vida e deformar o quadro do mundo real de maneira delirante”⁶³. Ora, a imposição de tal caminho se consubstancia na observância de regras, entre as quais se encontram algumas relativas ao cuidado do corpo e a satisfação de seus desejos, pois é característica do discurso a mediação da “relação de cada sujeito com seu desejo e com seu gozo, uma vez que ele barra de modo muito particular o corpo, o corpo que deseja, o corpo que goza”⁶⁴ e a inobservância de tal regramento proporciona ao indivíduo a imersão na culpa pela falha e acarreta a punição por parte de um Deus a quem se prestam contas.

O modo de ver o corpo humano foi em parte modificado, não só na própria sociedade, como se verá mais adiante, mas também no cristianismo, particularmente. No próprio meio religioso verificou-se uma abertura na relação com o corpo, como atestam a dança e a prática de alguns esportes, que conquistaram espaço em algumas comunidades cristãs.

⁶² Cf. BARBOSA, 2018.

⁶³ FREUD, Sigmund. *O mal-estar da religião*. Disponível em: <<https://goo.gl/jrn6Pu>>. Acesso em: 4 fev. 2018.

⁶⁴ MARCON, Heloisa Helena. *Religião, ciência e capitalismo: sujeito massificado, objeto padrão e medida comum para o gozo*. Disponível em: <<https://goo.gl/sKrNrT>>. Acesso em: 4 fev. 2018.

2 UM OLHAR FENOMENOLÓGICO E ANTROPOLÓGICO SOBRE O CORPO

No capítulo anterior, destacou-se o caminho histórico que o dualismo metafísico percorreu, apontando-se as inúmeras mudanças e características que sofreu com o tempo, o que abriu um leque amplo de concepções e garantiu um arcabouço teórico interessante para futuras pesquisas. O foco se dirige ao dualismo metafísico espírito-matéria, mais especificamente à separação abrupta entre corpo e alma, problemática tão relevante e presente nos dias atuais, inclusive no campo da Educação Física, que norteia este trabalho.

Neste capítulo o olhar se dirige à abordagem fenomenológica e antropológica do corpo, dado que, diferentemente do que ocorre nas ciências da saúde, por exemplo, nesses dois campos do saber o corpo é visto de modo mais amplo, considerando-se não somente seu caráter biológico e psicológico, mas também o realçando como elemento social e cultural, fator primeiro da existência humana.

Como é sabido, um dos pilares fundamentais das ciências sociais consubstancia-se no entendimento do corpo como fruto do meio, ou seja, resultado de uma construção sociocultural. É no corpo que a sociedade fixa seus sentidos e valores culturais e religiosos, entre outros⁶⁵, que nortearão a vida.

Pretende-se aqui entender a cultura do ponto de vista semiótico defendido por Geertz, numa concepção também defendida por Max Weber, segundo a qual o ser humano se encontra em meio a uma teia por ele mesmo criada⁶⁶. Essa teia Geertz denomina cultura. Para o autor, a cultura se constitui num conjunto de padrões de significados transmitidos historicamente de geração a geração, expressa em formas simbólicas, por meio das quais os homens se comunicam, se perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades⁶⁷. Assim, se o papel da Antropologia consiste na interpretação dessa teia, os pressupostos fenomenológicos auxiliarão na compreensão do corpo, enfatizando-se sua experiência, tanto no âmbito religioso quanto no terreno da Educação Física.

Na sociedade contemporânea, o corpo ocupa lugar de grande destaque. Não só no meio acadêmico um crescente número de trabalhos relaciona-se ao seu estudo, mas também nos meios de comunicação, com grande veiculação sobre cuidados corporais, alcance do corpo ideal, etc. Apesar dessa crescente atenção ao corpo no meio

⁶⁵ Cf. RODRIGUES, Carlos José. *Tabu do corpo*. 7. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz. 2006, p. 46.

⁶⁶ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008, p. 4.

⁶⁷ GEERTZ, 2008, p. 66.

acadêmico, por exemplo, algumas lacunas são deixadas por estudos que não analisam o corpo de maneira integral, mais completa, priorizando a totalidade do ser humano. Geralmente essas análises priorizam o estudo de cada um das partes do corpo. A compreensão do corpo representa um desafio, pois, ao estudá-lo, deve-se considerar a sua totalidade.

Visando um entendimento mais abrangente do corpo, buscou-se como arcabouço teórico o que foi produzido na Fenomenologia e na Antropologia, mais especificamente os escritos de Merleau-Ponty, David Le Breton e Marcel Mauss. Justifica-se tal recorte teórico pelas acuradas abordagens do corpo feitas por esses autores.

2.1 Uma Fenomenologia do corpo (Merleau-Ponty)

Atualmente, ao falar do corpo, é impossível desconsiderar o modo como ele é entendido do ponto de vista da Fenomenologia, visto que esta se apresenta como superação da visão dicotômica tradicional.

Um dos expoentes da Fenomenologia da Percepção é Merleau-Ponty. Seus estudos eram fundamentados em teorias relacionadas à percepção do ser humano. Para ele, o corpo, condição primeira do ser humano, assume papel de destaque, constituindo um instrumento essencial à sua interação com o mundo. É mediante o corpo que o homem se relaciona com o meio e dele se torna consciente. O objeto corpo em questão deve ser olhado a partir de vários prismas, com percepções variadas de olhares múltiplos, resultando em interpretações diferentes. Os estudos fenomenológicos, portanto, ampliam essas possibilidades de olhares do mesmo objeto⁶⁸.

A Fenomenologia defendida por Merleau-Ponty busca, na verdade, compreender o ser humano na sua essência, não na mesma ótica da metafísica clássica, mas o ser humano representado em suas aparências, como parte do mundo sensível outrora desprezado. Desse modo, o próprio olhar fenomenológico procura as

⁶⁸ Cf. DAOLIO, Jocimar *et. al.* *Corporeidade: o legado de Marcel Mauss e Maurice Merleau-Ponty*. Proposições, Campinas, vol. 23, nº 3, 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/S8n58G>>. Acesso em: 22 out. 2017.

significações das realidades em um contexto geral, seja ele natural, material, cultural ou ideal⁶⁹. Afirma Ponty:

O mundo fenomenológico é não o ser puro, mas o sentido que transparece na intersecção das experiências do sujeito, e na intersecção das experiências deste com aquelas do outro, pela engrenagem de umas nas outras; ele é, portanto inseparável da subjetividade e da intersubjetividade que formam sua unidade pela retomada de experiências passadas em experiências presentes, da experiência do outro na do sujeito⁷⁰.

A sua Fenomenologia é de viés existencialista (apesar de tecer críticas a certas concepções existencialistas), justamente por estudar a existência do homem num mundo que lhe é imposto pelo próprio meio em que vive e se desenvolve. Trata-se, assim, de uma Filosofia que não está focada no abstrato, mas no próprio homem, na medida em que este se engaja e existe no mundo⁷¹. Junior sustenta:

De forma distinta também ao que apresenta Heidegger (1962), Merleau-Ponty parte da perspectiva de que o ser é, ele próprio, o ser do fenômeno, o que tornará possível a concretização do fenômeno por meio das inter-relações estabelecidas no mundo em que estão inseridos. A experiência não será, portanto, um processo determinado mecanicamente, muito menos uma construção meramente fortuita, uma vez que as relações do ser com o fenômeno, e de ambos com o mundo estarão inseridas num pano de fundo primordial que não se tornará jamais algo totalmente explícito. A percepção é uma abertura à existência exterior, é uma comunicação íntima entre o homem e aquilo que as coisas o revelam sobre si mesmas⁷².

Essa perspectiva fenomenológica pode ser apontada como forma de superação de diversas dicotomias concebidas ao longo dos séculos, nomeadamente a consciência/mundo, o sujeito/objeto e principalmente a dicotomia aqui destacada por nós: corpo/alma. Merleau-Ponty se apropria particularmente dessa concepção, visando romper com os modelos dicotômicos, especialmente os relacionados ao corpo, um dos principais objetos de estudo desta dissertação. Esse rompimento pode ser obtido pelo conceito de intencionalidade⁷³ e, por meio dele, pretendem-se compreender as duas

⁶⁹ Cf. PEIXOTO, Adão José. *Os sentidos formativos das concepções de corpo e existência na fenomenologia de Merleau-Ponty*. Rev. abordagem Gestalt., Goiânia, vol.18, nº1, jun. 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/yqtFyx>>. Acesso em: 22 out. 2017.

⁷⁰ PONTY, Maurice Merleau. *Fenomenologia da Percepção*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes. 1999, p. 18.

⁷¹ Cf. SOUZA JUNIOR, Jalmir Pinheiro et al. *Percebo, logo consumo! A Fenomenologia da Percepção como Alternativa para o Estudo do Comportamento do Consumidor*. Disponível em: <<https://goo.gl/DQhBo6>>. Acesso em: 4 fev. 2018.

⁷² SOUZA JUNIOR, 2018.

⁷³ De origem latina, *intentio*, o conceito de intencionalidade, foi bastante desenvolvido por Husserl a partir de Brentano, outrora seu professor. Aquele define a intencionalidade, como característica própria do ato de conhecimento, por pressupor que tal ato sempre implica fazer referência a algo já existente e por vezes externo ao mundo vivido. Husserl afirma que “pertence à essência das vivências de conhecimento

partes envolvidas nesse processo dualístico a partir de um viés de reciprocidade. Analisa-se a dinâmica entre esses dois lados em busca de um sentido, tanto para o corpo quanto para a alma, vivendo em uma perspectiva única total e sempre aberta, promovendo o diálogo constante de maneira cíclica entre os objetos envolvidos⁷⁴.

Em uma de suas obras de maior destaque, *Fenomenologia da percepção*, Merleau-Ponty apresenta o corpo como espaço rico de possibilidades de experiências, responsáveis por garantir a nossa existência e a própria presença no mundo. Desse modo, o corpo nada mais é que um “veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles”⁷⁵. É ainda fonte de expressão e comunicação.

Por outro lado, há de se considerar que a função do corpo é consubstanciada na sua compreensão pelo ser, à medida que este se mostra como um corpo em direção ao mundo⁷⁶. Afirma Coelho Junior:

Merleau-Ponty procura mostrar, metodicamente, que a relação do homem com o mundo se dá sempre, inicialmente, pela percepção, por uma relação direta corpo-mundo. Não toco uma mão-ideia, uma pedra-ideia, um mundo-ideia, toco com meu corpo o mundo. Se posso me pensar como sujeito (e essa é ainda uma concessão de Merleau-Ponty a uma filosofia da consciência), só posso fazê-lo como corpo vivido, como corpo no mundo⁷⁷.

É pelo corpo que se está no mundo, portanto, é por meio dele que se existe e se promove o relacionamento com o outro. Percebe-se a presença do outro por meio de seu corpo, assim como esse mesmo objeto provoca a consciência do próprio sujeito no

(Erkenntniserlebnisse) ter uma *intentio*, significar alguma coisa, referir-se a uma objetividade”. Tal era o entendimento de Sartre, para quem Husserl define intencionalidade como sendo a “necessidade para a consciência de existir como consciência de outra coisa que ela”. O conceito de intencionalidade é retomado por Merleau-Ponty, embora com algumas mudanças substanciais, por entender que consciência não é algo externo ao mundo vivido pelo sujeito, mas a consciência intencional deve sempre ser compreendida como consciência perceptiva, significando esta a própria existência do sujeito no mundo. Cf. HUSSERL, 1950 apud COELHO JUNIOR, Nelson Ernesto. *Consciência, intencionalidade e intercorporeidade*. Disponível em: <<https://goo.gl/TksVHq>>. Acesso em: 4 fev. 2018; Cf. SARTRE, 1947. Apud MARQUES, Paulo Pimenta. *Merleau-Ponty: acerca da intencionalidade*. 2012. 163 p. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. p. 25-30.

⁷⁴ Cf. PEIXOTO, Adão José. Os sentidos formativos das concepções de corpo e existência na fenomenologia de Merleau-Ponty. *Rev. Abordagem Gestalt*, Goiânia, vol. 18 nº 1, jun. 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/yqtFyx>>. Acesso em: 22 out. 2017.

⁷⁵ PONTY, 1999, p. 122.

⁷⁶ PONTY, 1999, p. 114.

⁷⁷ COELHO JUNIOR, Nelson Ernesto. *Consciência, intencionalidade e intercorporeidade*. Disponível em: <<https://goo.gl/TksVHq>>. Acesso em: 4 fev. 2018.

mundo. Na verdade, essa consciência se manifesta principalmente depois de se ter “frequentado” ou se relacionado com o outro, por meio de uma espécie de retorno⁷⁸.

O corpo, na ótica de Merleau-Ponty, não passa mais a ser visto ou conceituado de maneira reduzida. Portanto, não deve ser considerado apenas como simples “coisa” ou mera máquina ou objeto, pois é dotado de sensibilidade e movimento, que o fazem se opor a perspectivas racionais, empíricas e até mesmo positivistas⁷⁹.

Ponty, ao considerar o corpo como dimensão da totalidade humana, possibilita outra abordagem totalmente diferente da compreensão dualista exposta no primeiro capítulo. Essa metafísica clássica, influente na sociedade ocidental, diminui sua força quando novas propostas de superação desse pensamento vão surgindo, parecidas ou não com as do próprio Merleau-Ponty.

Não mais sendo o corpo uma mera coisa, passa-se agora a não mais possuí-lo e sim a ser o próprio corpo. Nesse sentido, Merleau-Ponty afirma: “eu não estou diante do meu corpo, estou em meu corpo, ou antes, sou meu corpo”⁸⁰. O corpo é um ser no mundo e não se limita a coisas ou a um supérfluo objeto. Merleau-Ponty pensa o corpo de maneira inteiramente única. O sujeito pode se considerar o próprio corpo e não o perceber como algo que possui. O ser humano não é apenas expressões corporais, mas uma fonte rica de significados, expressão de pessoa. O corpo pensa por si próprio, ou seja, possui o próprio pensamento, e por essa característica ele mesmo é essencialmente uma fonte de sentido⁸¹.

Apropriar-se dessa perspectiva de Ponty, que concebe o ser humano como corpo – tal qual se pode inferir de sua expressão: “eu sou o meu corpo” –, significa que, ao se falar da existência humana, necessariamente há que se falar do corpo. Ou seja, falar do ser humano implica necessariamente fazer referência ao sujeito material percebido. Entretanto, atribuir ao corpo a totalidade da existência significaria incorrer em outro reducionismo. Na verdade, no corpo também reside a percepção de sua limitação e da possibilidade de ser ultrapassado.

⁷⁸ Cf. DAOLIO Jocimar et. al. *Corporeidade: o legado de Marcel Mauss e Maurice Merleau-Ponty*. Pro-Posições, Campinas, vol. 23, n. 3, 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/S8n58G>>. Acesso em: 22 out. 2017.

⁷⁹ Cf. PEIXOTO, Adão José. Os sentidos formativos das concepções de corpo e existência na fenomenologia de Merleau-Ponty. *Rev. abordagem Gestalt*, Goiânia, vol. 18 nº 1, jun. 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/yqtFyx>>. Acesso em: 22 out. 2017.

⁸⁰ PONTY, 1999, p. 207-208.

⁸¹ Cf. PEIXOTO, Adão José. *Os sentidos formativos das concepções de corpo e existência na fenomenologia de Merleau-Ponty*. *Rev. abordagem Gestalt*, Goiânia, vol. 18 nº 1, jun. 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/yqtFyx>>. Acesso em: 22 out. 2017.

Por essa razão, é possível reconhecer as manifestações corporais como a revelação do próprio ser. Os movimentos corporais fornecem uma gama de informações sobre o ser que o executa, expressando a unidade entre a esfera física e a psíquica. Em outras palavras, é por meio do corpo que se concretiza a ação no mundo, mediante atividades básicas diárias como o trabalho, o sexo, o lazer e outras⁸². Ponty posiciona-se contra a tradição herdada de Descartes e Kant, pois esta, segundo ele, abandonara o que chama de questões filosóficas mais importantes, como a sexualidade, a vida perceptível pelos sentidos, o universo dos sentidos, a atitude religiosa e a arte⁸³.

Nessa nova visão, o corpo comunica-se ativamente com o mundo ao qual pertence, de tal forma que, segundo Ponty, ele é o “âncoradouro no mundo”. Transforma-se, assim, em instrumento de inserção nesse universo⁸⁴, conforme referenciado. Essa ótica afirma que o mundo não é aquilo que se acredita que seja, mas aquilo que de fato se vive. O indivíduo é acessível ao mundo, assim como dialoga com ele, não querendo possuí-lo, pois ele se configura como inesgotável, logo indisponível para a posse⁸⁵.

A relação com o mundo passa a ser mediada pelo corpo, configurado como natureza, tempo e cultura especificamente. É natureza, por pertencer ao mundo natural; e cultural, por atravessar a fronteira animal, construindo diversos universos simbólicos em inúmeras realidades sociais. É notado, então, como expressão de sentidos e a relação do homem com o mundo valoriza-se pela construção do sujeito, inserido no mundo pela experiência, e só inserido em algo por ser corpo⁸⁶.

O conceito de corpo-próprio de Merleau-Ponty refere o corpo como unidade. Possuidor do corpo, o homem está no mundo, no espaço, e é o seu próprio corpo que o liga a tudo no universo. O ser humano é corpo no espaço e não apenas um ser pensante; é um corpo que percebe o que está ao seu redor, não uma banal extensão das coisas e nem uma coisa entre as demais⁸⁷. A analogia de Ponty em *Fenomenologia da percepção* auxilia o entendimento da visão de corpo próprio e único:

Quando pressiono minhas mãos uma contra a outra, não se trata então de duas sensações que eu sentiria em conjunto, como se percebem dois objetos

⁸² Cf. PEIXOTO, 2012.

⁸³ MARQUES, Paulo Pimenta. *Merleau-Ponty: acerca da intencionalidade*. 2012. 163 p. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, p. 151.

⁸⁴ Cf. PONTY, 1999, p. 200.

⁸⁵ Cf. PONTY, 1999, p. 14.

⁸⁶ Cf. PEIXOTO, 2012.

⁸⁷ Cf. DENTZ, René Armand. *Corporeidade e subjetividade em Merleau-Ponty*. Intuitio, Porto Alegre, v. 1, n° 2, 2008, Porto Alegre. Disponível em: <<https://goo.gl/mdvESU>>. Acesso em: 23 out. 2017.

justapostos, mas de uma organização ambígua em que as duas mãos podem alternar-se na função de ‘tocante’ e de ‘tocada’⁸⁸.

O corpo então passa a ser visto simultaneamente de duas maneiras: a parte que toca e a parte tocada. Na verdade, fica bem difícil definir a mão que é tocada e a que toca, pois, ao mesmo tempo em que a ação da mão de tocar é executada, ela recebe a ação também de maneira passiva de ser tocada. O corpo, então, é surpreendido por si mesmo, pois exerce uma função de tocar-se, tocando⁸⁹, passando agora a ser visto não somente pela reflexividade, mas também como visibilidade. É visível já que se vê sendo um sentido que se sente, juntamente com um tocado que se toca⁹⁰.

Em uma definição mais clara e objetiva, Ponty salienta o corpo como um objeto responsável por encarnar o ser humano no mundo, ou seja, destaca o corpo como o veículo do homem no mundo, atribuindo-lhe um papel determinante na construção do ser humano na terra⁹¹. Seguindo esse pensamento, quando nos apropriamos desse corpo, somos o próprio corpo. Com isso, Merleau-Ponty utiliza o termo “sujeito encarnado” para determinar esse sujeito corporal no mundo, provido de um corpo próprio, considerado um “ser no mundo”, que vive esse mundo e não apenas o pensa. O corpo aqui é denominado como “*Leib*”, expressão que rompe com a noção de um “*Körper*”⁹², ou seja, de um corpo visto como simples substância. Não se nota o corpo como perspectiva de substância, pois ele não é um mero objeto, dispondo de extensão e de capacidade reflexiva. O corpo agora expõe outras complexidades ligadas à intersubjetividade e à intencionalidade⁹³.

Por outro lado, sendo a cultura um molde no qual o corpo se encontra submerso, ela mediará a relação do sujeito com o próprio corpo, conforme Merleau-Ponty: “nosso contato conosco sempre se faz por meio de uma cultura, pelo menos por meio de uma linguagem que recebemos de fora e que nos orienta para o conhecimento

⁸⁸ PONTY, 1999, p. 137.

⁸⁹ Cf. PONTY, 1999, p. 137.

⁹⁰ Cf. PEIXOTO, 2012.

⁹¹ PONTY, 1999, p. 122.

⁹² De acordo com Husserl, e posteriormente Merleau-Ponty, tanto *Leib* quanto *Körper* “são expressões usadas para se referir ao corpo. Pelo primeiro termo, *Leib*, o corpo é entendido como sendo o corpo vivido, ou seja, por meio do qual se caracteriza o corpo como corpo próprio, sendo o sujeito capaz de dar-lhe uma intencionalidade, o que claramente demonstra uma transcendência do nível físico e biológico. Por sua vez, o segundo termo, *Körper*, é entendido no sentido físico e biológico, mais como animal”. Cf. VAZ, Henrique C. de Lima. *Antropologia filosófica*. 11ª ed. Vol 1. São Paulo: Edições Loyola, 2011, p. 178-181.

⁹³ Cf. DENTZ, René Armand. Corporeidade e subjetividade em Merleau-Ponty. *Intuitio*, Porto Alegre, v. 1, n° 2, 2008.

de nós mesmos”⁹⁴. Essa ideia carrega a proposta central de que a forma mais significativa de contato e troca de experiências se faz presente principalmente por meio da linguagem, ato externo que orienta no sentido do conhecimento próprio, sendo essa linguagem uma ferramenta forte da cultura. O corpo, também nessa perspectiva, dispõe de expressão e fala, e nessa concepção percebe-se que o corpo passa a ser o modo de ser no mundo. Por isso a subjetividade humana é impreterivelmente corporificada, isto é, manifestada por meio do corpo. A consciência é corpórea, por isso o corpo é intencional e possuinte de consciência das coisas⁹⁵.

Novamente sobre essa ambiguidade criada sobre o corpo objeto na sociedade ocidental atual, percebe-se que, em algumas situações, essa mesma cultura recrimina certas manifestações corporais que podem ser entendidas por meio dos denominados “ritos de evitamento”⁹⁶, que tendem a reforçar negativamente a nudez e policiar o toque dos corpos. Entretanto essa mesma sociedade que reprime o corpo e refere a nudez e o sexo como tabu de difícil diálogo promove práticas que potencializam o corpo e o destacam por meio de campanhas publicitárias, louvando o corpo jovem, bonito, sadio, enfim, dentro dos padrões impostos pela cultura. Por outro lado, as mesmas práticas que enaltecem o corpo belo e saudável excluem o corpo que não se enquadra no modelo pretendido, como os idosos e, principalmente, os portadores de deficiência física.

Verifica-se, na maior parte dos idosos, uma recalcitrância em relação à velhice, motivada não só pelas mudanças corporais e limitações para certos movimentos, mas também pelo forte estigma cultivado socialmente em relação a indivíduos maiores de 65 anos, principalmente pela inaptidão para o mercado de trabalho, pois o envelhecimento não é enxergado como processo natural e inerente a todo ser vivo⁹⁷. Blessmann afirma:

Sendo a velhice considerada uma etapa, assim como a infância e a juventude, é nela que se concentra o momento mais dramático de mudança de imagem corporal, porque é difícil aceitar uma imagem envelhecida em uma sociedade que tem como referência a beleza da juventude⁹⁸.

⁹⁴ PONTY, 2004, p. 49.

⁹⁵ DENTZ, 2008.

⁹⁶ Sociologicamente falando, os “ritos de evitamento” consistem em toda vedação a que o ser humano está sujeito como membro de determinada comunidade, ou seja, é tudo aquilo que não pode ser feito pelo ser humano. Cf. GAMA, Maria Gabriela. *A fabricação da imagem social da empresa*. Disponível em: <<https://goo.gl/MZ5Tqk>>. Acesso em: 4 fev. 2018.

⁹⁷ DUTRA, Milena Carrijo *et al.* *Sentido de corpo e percepção de envelhecimento de adultos e idosos*. Disponível em: <<https://goo.gl/TCUjpF>>. Acesso em: 6 mai. 2018.

⁹⁸ BLESSMANN, Eliane Jost. *Corporeidade e envelhecimento: o significado do corpo na velhice*. Disponível em: <<https://bit.ly/2FLG6BP>>. Acesso em: 6 mai. 2018.

Para certo “conforto”, muitos recorrem às intervenções de cirurgia plástica para manter a aparência saudável de um corpo cuja formosura não se esvai com o tempo, mas nem assim se apagam os traços de sua passagem.

A convivência social também é difícil aos portadores de deficiência física, dada a imposição de padrões de beleza e capacidades corporais inalcançáveis por essas pessoas, na visão de muita gente. Ou seja, na sociedade atual, é a partir das formas do corpo que se definem capacidades, identidades e espaços, como fossem realmente reveladores do ser como pessoa⁹⁹. É essencial a conscientização sobre o real papel do corpo, com a aceitação dos efeitos do tempo e a potencialização de qualidades possivelmente adormecidas no corpo. A melhora de suas relações com ele beneficiará a saúde¹⁰⁰.

A análise do corpo na Fenomenologia da Percepção em Merleau-Ponty abriu perspectivas para os estudos contemporâneos voltados à compreensão do ser humano, orientando a busca do entendimento do homem como corpo vivido, experiência, percepção, motricidade. Conforme Ponty mesmo apontou, a percepção é uma porta aberta a vários horizontes¹⁰¹, ajudando até mesmo na relação entre a Educação Física e a Religião na busca do entendimento integral do ser humano.

2.2 Uma Antropologia do corpo (Le Breton e Mauss)

Outro valioso contributo ao estudo do tema foi dado pelos antropólogos franceses David Le Breton e Marcel Mauss. Seus estudos constituem um marco nas abordagens do corpo nos dias atuais, em razão de sua completude.

Le Breton, primeiramente, reconhece a tradição de suspeita quanto ao corpo, caracterizado como algo enfermo e incurável, um grande empecilho à realização da alma¹⁰². Le Breton, ao tratar de temas bastante recorrentes nos dias atuais, mapeia a visão moderna e contemporânea do corpo, mostrando um novo modo de pensar e lidar com ele, num olhar influenciado pelo avanço tecnológico, bem como a obsolescência e

⁹⁹ MELLER, Vanderléia Ana; TESCHE, Leomar. *Vivências corporais de pessoas com deficiência física*. Disponível em: <<https://goo.gl/PY8ryS>>. Acesso em: 6 mai. 2018.

¹⁰⁰ DUTRA, 2018.

¹⁰¹ NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. *Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty*. Disponível em: <<https://goo.gl/epqPw>>. Acesso em: 4 fev. 2018.

¹⁰² LE BRETON, David. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Campinas: Papirus, 2013, p. 13.

o ódio ao corpo por ser diferente do almejado¹⁰³, não mais do que uma plena metamorfose¹⁰⁴.

Le Breton entende o corpo como construção simbólica, não como realidade em si¹⁰⁵, totalmente distante do meio em que se encontra. Tal como Merleau-Ponty, Le Breton afirma que o corpo é condição primeira da existência humana no mundo, ou seja, é por meio do corpo que se dá a existência humana. Assim, do corpo não só nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva, mas ele também serve como eixo na relação homem com o próprio mundo, o lugar e o tempo nos quais a existência ganha forma pela fisionomia singular de um ator. Por meio do corpo, o homem apropria-se da substância de sua vida, traduzindo-a para os outros, servindo-se dos sistemas simbólicos (ou de modo mais claro, da cultura) que compartilha com os membros da comunidade¹⁰⁶.

Le Breton reconhece a significativa influência sociocultural sobre o corpo, haja vista que as infinitas representações que procuram conferir-lhe um sentido são fruto de um estado social, de uma visão de mundo, e, no interior desta última, de uma definição de pessoa. Assim, toda manifestação de sentimento, a maneira de falar, reagir a qualquer coisa, a forma pela qual o ser expressa a sua dor é antes de tudo mediada pelo contexto em que está inserido¹⁰⁷.

Suas obras descrevem claramente a insatisfação com o corpo, nas mais diversas esferas da sociedade ocidental. Para Le Breton, surge um novo corpo ideal e, contrariamente ao que se viu durante os séculos passados, extremamente valorizado, ocupando lugar privilegiado e sendo exibido para fazer valer a pena. O dualismo outrora construído entre corpo e alma deu lugar ao dualismo contemporâneo consistente na oposição do homem ao seu corpo¹⁰⁸. A alma quase saiu de cena por causa dessa inversão e o corpo sofre uma exposição maior, valorizado, aplaudido e cultuado¹⁰⁹, porém, totalmente passível de transformações quando e como bem se deseja fazer, para o alcance da imagem construída pelo sujeito, que não ignora o meio em que se encontra.

¹⁰³ Cf. OLIVEIRA, Maria Ester. *O uso de anabolizantes como forma de produção de si e tentativa de controle do corpo*. Disponível em: <<https://goo.gl/3gRVRw>>. Acesso em: 4 fev. 2018.

¹⁰⁴ Cf. MAROUN, Maroun; VIEIRA Valdo Vieira. *Corpo: uma mercadoria na pós-modernidade*. Disponível em: <<https://goo.gl/bcR82P>>. Acesso em: 4 fev. 2018.

¹⁰⁵ LE BRETON, 2016, p. 16.

¹⁰⁶ Cf. LE BRETON, 2007, p. 7.

¹⁰⁷ LE BRETON, 2007, p. 8.

¹⁰⁸ Cf. LE BRETON David. *Antropologia do corpo*. Trad. Fábio dos Santos Creder Lopes, 4ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2016, p. 9.

¹⁰⁹ Cf. DE LIMA, Marisa Mello. *Do corpo sob olhar de Bourdieu ao corpo contemporâneo*. Disponível em: <<https://goo.gl/PKB83N>>. Acesso em: 4 fev. 2018.

Dada a influência do meio sobre o sujeito, fica evidente que a sociedade atual concebe o corpo como rascunho em que o ser humano expõe suas ideias, mas ontologicamente distinto do sujeito, que procura a todo instante melhorá-lo, corrigindo o que lhe parece mau¹¹⁰. De acordo com Le Breton, “o corpo é o suporte de geometria variável de uma identidade escolhida e sempre revogável, uma proclamação momentânea de si. Se não é possível mudar suas condições de existência, pode-se pelo menos mudar o corpo de múltiplas maneiras”¹¹¹. Ele acrescenta:

O corpo não é mais apenas, em nossas sociedades contemporâneas, a determinação de uma identidade intangível, a encarnação irredutível do sujeito, o ser-no-mundo, mas uma construção, uma instância de conexão, um terminal, um objeto transitório e manipulável suscetível de muitos emparelhamentos. Deixou de ser identidade de si, destino da pessoa para se tornar um kit, uma soma de partes eventualmente destacáveis à disposição de um indivíduo apreendido em uma manipulação de si e para quem justamente o corpo é a peça principal de afirmação pessoal¹¹².

O corpo sempre desempenhou grande importância na caracterização do ser humano, porém, na contemporaneidade, a interpretação de suas funções sofreu uma mudança de paradigma. Ele já não é apenas mediador das técnicas ou instrumento de abertura sensorial, mas é também por meio dele que o “eu” se expressa e se representa, contribuindo para a produção da identidade dos indivíduos mediante marcas corporais¹¹³. Por isso Le Breton afirma: “O corpo torna-se emblema do self. A interioridade do sujeito é um constante esforço de exterioridade, reduz-se à sua superfície. É preciso se colocar fora de si para se tornar si mesmo”¹¹⁴.

Assim, a sociedade contemporânea torna a aparência um valor fundamental e, por conseguinte, a indústria cultural produz comportamentos de consumo que vão até o “consumo do sujeito”, em que a imagem e a estética ocupam lugares de maior destaque¹¹⁵.

A atual visão social do corpo muito se aproxima do conceito exposto em *Sociedade do espetáculo*, de Guy Debord. Nessa obra ele afirma que “toda a vida das

¹¹⁰ Cf. BOTELHO, Flávia Mestriner. Corpo, risco e consumo: uma etnografia das atletas de fisiculturismo. *Revista Habitus: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais - IFCS/UFRJ*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 104-119, jul. 2009. Semestral. Disponível em: <www.habitus.ifes.ufrj>. Acesso em: 4 fev. 2018.

¹¹¹ LE BRETON, 2013, p. 28.

¹¹² LE BRETON, 2003, p. 28.

¹¹³ MOREIRA, Juliana. *Corpo e sociabilidade: marcas corporais, gênero, sexualidade e “raça” em diferentes contextos de sociabilidade na cidade do Rio de Janeiro*. Disponível em: <https://goo.gl/Pkiifi>. Acesso em: 4 fev. 2018.

¹¹⁴ LE BRETON, 2003, p. 29.

¹¹⁵ DE LIMA, Marisa Mello. *Do corpo sob olhar de Bourdieu ao corpo contemporâneo*. Disponível em: <https://goo.gl/PKB83N>. Acesso em: 4 fev. 2018.

sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era diretamente vivido se esvai na fumaça da representação”¹¹⁶. Em tais sociedades importa tão somente o que aparece, ou seja, “o que aparece é bom, o que é bom aparece”¹¹⁷. Numa sociedade assim caracterizada, o corpo torna-se um dos veículos dessa identidade construída na espetacularização. O sujeito é o que parece ser, e conseqüentemente, além da extrema valorização do corpo, este passa a ser visto como meio de realização última do ser.

Em torno dessa supervalorização do corpo cresce surpreendentemente o mercado de atendimento da demanda, que renova permanentemente as marcas destinadas ao consumo, visando à manutenção e superestimação da aparência sob os auspícios da sedução e da “comunicação”. Roupas, cosméticos, práticas esportivas e substâncias coadjuvantes na formação do corpo desejado, entre outros elementos, destinam-se à autodemonsração do ator social, como se fosse um cartão de visitas vivo¹¹⁸.

Entretanto, embora o corpo ocupe o centro das atenções, com espaço privilegiado no mercado, é reduzido a mero objeto, “um empreendimento a ser administrado da melhor maneira possível no interesse do sujeito e de seu sentimento de estética”¹¹⁹, ou mesmo uma massa de plasticina nas mãos do sujeito, agora não só arquiteto, mas também mestre de obras que decide a orientação da própria existência,¹²⁰ definindo os moldes que deseja conferir ao seu corpo. De modo mais claro, trata-se de uma sociedade do espetáculo do corpo.

Para a compreensão das relações do corpo com a modernidade, Le Breton sugere o estudo das origens das concepções do corpo. Para tal, é preciso percorrer os séculos passados, conforme exposto no primeiro capítulo, a fim de entender o que marca cada período e as bases da mudança relativa à concepção do corpo.

Marcel Mauss é outra voz relevante nos estudos do corpo. Cláude Lévi-Strauss, na introdução a uma das obras de Mauss, *Sociologia e antropologia*, salienta que “poucos ensinamentos permaneceram tão esotéricos e poucos, ao mesmo tempo, exerceram uma influência tão profunda quanto o de Marcel Mauss”¹²¹. De fato, a profundidade de seu pensamento torna-o substrato para muitos autores dos mais

¹¹⁶ DEBORD, Guy. *Sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000, p. 13.

¹¹⁷ DEBORD, 2000, p. 17.

¹¹⁸ Cf. LE BRETON, 2007, p. 78.

¹¹⁹ LE BRETON, 2013, p. 31-32.

¹²⁰ Cf. LE BRETON, 2013, p. 31.

¹²¹ MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. 2ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p. 11.

variados campos do saber. Ou seja, sua influência não se limitou aos etnógrafos e a antropólogos, mas se estendeu também a linguistas, psicólogos, historiadores das religiões, orientalistas, etc., de modo que, no domínio das ciências sociais e humanas, uma variadíssima gama de pesquisadores lhe deve alguma orientação.

Há que se debruçar sobre sua contribuição ao estudo do corpo humano. Especificamente em *Sociologia e antropologia*, um recorte foca no capítulo que versa sobre as técnicas do corpo, sem prejuízo de passagens contidas em outros capítulos dessa obra.

Os estudos de Marcel Mauss voltados ao ser humano e a sua relação com a sociedade são herdeiros do entendimento de seu tio Èmile Durkheim, com quem trabalhou durante muito tempo, e para quem a sociedade determina a formação do ser humano, bem como seu modo de ser e de pensar¹²². Para Rodrigues, os mecanismos desse controle social sobre o indivíduo podem ser compreendidos a partir da análise de Durkheim a respeito do dualismo na natureza humana. Mais especificamente citando Durkheim, o autor registra que tal dualidade reside no fato de que “as paixões e tendências egoístas derivam da nossa constituição individual, enquanto a nossa atividade racional, quer teórica, quer prática, depende diretamente das causas sociais”¹²³. Assim, tanto Mauss quanto Durkheim evidenciam que a influência do meio sobre o sujeito se dá mediante o processo educativo, por meio do qual o sujeito apreende as principais diretrizes da sociedade, definindo para si um conjunto de desejos, comportamentos e expressões corporais.

As técnicas do corpo, para Mauss, são “as maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo [...] e que variam de acordo com o sexo e idade”¹²⁴. Isto é, são os diferentes modos de disposição dos corpos pelos componentes de determinada sociedade. Como esses modos de disposição são frutos da sociedade em que o sujeito se encontra, estabelece-se uma dualidade entre o indivíduo e a sociedade, sendo esta responsável pelo funcionamento autônomo do corpo que impõe ao indivíduo um conjunto de técnicas¹²⁵. Freitas, citado por Lima, afirma:

Na imagem do corpo está implícito não apenas o corpóreo, ou seja, meu corpo enquanto objeto de reflexão, com fronteiras bem definidas pela

¹²² Cf. RODRIGUES, Rogério. *O pensamento antropológico de Marcel Mauss: uma leitura das técnicas corporais*. 1997. 129 p. Dissertação (Mestrado) Universidade estadual de Campinas, p. 78.

¹²³ RODRIGUES, 1997, p. 79.

¹²⁴ MAUSS, 2003, p. 401, 409.

¹²⁵ Cf. RODRIGUES, 1997, p. 81.

epiderme, mas principalmente a corporeidade, o corpo-sujeito que age no mundo e que, nesta inter-relação, estende-se para ele, perde suas fronteiras anatomicamente definidas e torna-se marcado pelos símbolos de suas vivências, torna-se presença¹²⁶.

Essa é justamente a visão de Mauss no ensaio *Técnicas do corpo*, em que dedica inteira atenção ao corpo e às diferentes maneiras pelas quais o homem o dispõe, em cada meio em que se encontrar¹²⁷. A abordagem de Mauss é similar à de Le Breton, aduzindo que o corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do ser humano. E mais, além de instrumento, é seu primeiro e mais natural objeto técnico. Em suma, o ser humano é o próprio corpo¹²⁸. Sendo ele uma técnica, sua eficácia é atualizada de geração a geração, estabelecendo uma dupla conexão, um sistema de interdependência entre o corpo e a tradição em que se insere.

Mauss sugere que todos carregam certa noção de individualidade espiritual e corporal. Além disso, cada sociedade vê o corpo de maneira diferente, de acordo com o contexto e o tempo. Mauss também considera ser possível identificar a nacionalidade de determinado sujeito, se é inglês ou francês, analisando simplesmente componentes elementares como a sua locomoção. Porém, com o advento dos meios de comunicação de massa e sua grande influência social, especialmente a televisão e a internet, observa-se uma mescla de características das visões de corpo em algumas sociedades¹²⁹.

No entanto, a abordagem de Mauss não se limita ao entendimento do corpo a partir do contexto em que se insere, mas também esclarece que, para compreender o homem em si, é necessário entender as diferentes maneiras pelas quais o ser humano se manifesta mediante o uso do corpo. Maluf, referindo-se a Mauss, observa:

Mauss, em seu texto sobre as técnicas corporais, inaugura um verdadeiro programa para a reflexão antropológica em torno do corpo [...] Ele não só coloca o corpo como um objeto possível da reflexão antropológica e sociológica, como tenta mostrar as dimensões sociais do corpo, de sua construção, e as variedades de representações sociais a ele ligadas. Mesmo

¹²⁶ DE LIMA, 2018.

¹²⁷ De acordo com Daolio, esse termo foi usado por Marcel Mauss em *Técnicas do corpo*, quando afirmou que “o corpo é o primeiro e mais importante instrumento do homem. Para além de uma visão utilitarista, à qual o termo possa remeter, Mauss tinha a intenção de demonstrar como nossas técnicas corporais são tradicionais e nossos gestos nada têm de naturais, mas são produzidos por normas coletivas”. Cf. DAOLIO, Jocimar, et al. *Corporeidade: o legado de Marcel Mauss e Maurice Merleau-Ponty*. Disponível em: <<https://goo.gl/S8n58G>>. Acesso em: 4 fev. 2018.

¹²⁸ Cf. MAUSS, 2003, p. 407.

¹²⁹ Cf. COMPARIM, Karen Andréia; SCHNEIDER, Jacó Fernando. *O corpo: uma visão da Antropologia e da Fenomenologia*. Revista Faz Ciência, Paraná, v. 06, nº 01, 2004. Disponível em: <<https://goo.gl/HuijtK>>. Acesso em: 23 out. 2017.

que este ainda permaneça, em sua abordagem, como um objeto das representações sociais¹³⁰.

A ideia principal resultante dessas considerações é que cada sociedade tem hábitos e costumes peculiares ou, conforme o próprio Mauss, “cada sociedade tem seus hábitos próprios”¹³¹, e estes, por sua vez, moldam a visão dos seus membros em relação ao corpo. Ele prossegue:

Assim, durante muitos anos tive a noção da natureza social do ‘habitus’. Observem que digo em bom latim, compreendido na França, ‘habitus’. A palavra exprime, infinitamente melhor que ‘hábito’, a ‘exis’ [hexis], o ‘adquirido’ e a ‘faculdade’ de Aristóteles (que era um psicólogo). Ela não designa os hábitos metafísicos, a ‘memória’ misteriosa, tema de volumosas ou curtas e famosas teses. Esses ‘hábitos’ variam não simplesmente com os indivíduos e suas imitações, variam, sobretudo com as sociedades, as educações, as conveniências e as modas, os prestígios. É preciso ver técnicas e a obra da razão prática coletiva e individual, lá onde geralmente se vê apenas a alma e suas faculdades de repetição¹³².

Assim, para Mauss, o *modus vivendi* varia de sociedade para sociedade e de idade para idade. Isso diz respeito à maneira como cada sujeito lida com o corpo, ou seja, para ele o corpo aprende e é cada sociedade específica que o ensina¹³³, ou ainda nas palavras de Comparim, “o corpo, mesmo visto como um objeto mais natural, é moldado e criado pela vida social, sendo suas atitudes corporais um reflexo das representações sociais”¹³⁴, apreendidas paulatinamente. Assim, de acordo com Mauss, quando o ser humano atinge a fase adulta, cada gesto aparentemente natural é fabricado por normas coletivas impostas a todos. Há uma construção social do corpo e do gesto, porém sua assimilação é individual, segundo as condições do indivíduo no meio. E alguns gestos são desaprendidos pelo sujeito à medida que ele cresce:

Em relação à idade, há movimentos que com o decorrer dos anos vão se tornando mais difíceis, por questões físicas, contudo há reflexões que devem ser feitas. Existem movimentos que se não treinados ou não preservados da infância, tornam-se inativos, não por uma incapacidade física, mas por falta de treinamento, podendo trazer até mesmo desvantagens futuras para esse

¹³⁰ MALUF, Sônia Weidner. *Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas*. Esboços, Santa Catarina, v. 9, nº 9, 2001 Disponível em: <<https://goo.gl/ZGSEvb>>. Acesso em: 24 out. 2017.

¹³¹ MAUSS, 2003, p. 403.

¹³² MAUSS, 2003, p. 404.

¹³³ Cf. COMPARIM, Karen Andréia; SCHNEIDER, Jacó Fernando. *O corpo: uma visão da Antropologia e da Fenomenologia*. Revista Faz Ciência, Paraná, v. 06, nº 01, 2004. Disponível em: <<https://goo.gl/HuijtK>>. Acesso em: 23 out. 2017.

¹³⁴ COMPARIM, 2004.

indivíduo, que não preservou ou aperfeiçoou certos movimentos, e que podem fazer falta ou a diferença para a habilidade, em certas atividades¹³⁵.

A observação de Comparim é compartilhada por Daolio. Para ambos, Mauss vê o corpo humano não apenas como “matéria-prima”, mas também como “ferramenta” da cultura. Daolio afirma que a concepção do corpo humano impede que se encontre um modo natural no adulto, dada a influência do meio¹³⁶. Nesse sentido:

Influenciando a produção de inúmeros autores, a proposta de Mauss de pensar num ser humano de forma totalizante é expressiva. Tentando relacionar as esferas biológica, psicológica e social, no que diz respeito ao que ele chamou de ‘usos do corpo’, o autor defende a ideia de que toda técnica corporal é tradicional. Tentando relativizar a ênfase biológica que sempre recaiu sobre o corpo, o autor considera-o como uma construção cultural própria de cada sociedade, já que seres humanos diferentes utilizam seu corpo de formas diferenciadas. Para ele, o corpo humano é, ao mesmo tempo, ‘matéria-prima’ e ‘ferramenta’ da cultura, o que o leva a afirmar que não é possível encontrar um modo natural no adulto. Para Mauss, os gestos mais ‘naturais’ são fabricados por normas coletivas. Há uma construção social do corpo e do gesto, mas que se impõe de modo diferenciado a cada indivíduo, de acordo com suas condições de estar no mundo¹³⁷.

A produção desses autores é convergente em vários pontos. Como observado, em primeiro lugar, todos eles atentam ao corpo, numa abordagem que visa à superação do dualismo outrora característico do pensamento ocidental no que tange à composição do ser humano. Buscam tal superação mediante a facticidade do ser humano, porque este, em sua constante ação no mundo, é mais do que um ser dotado de individualidade psíquica e mais do que um organismo puramente biológico¹³⁸.

Se por um lado Merleau-Ponty fala de “sujeito encarnado”, ou “ser no mundo”, cujas ações se traduzem na vivência – ou seja, perceptível, e não apenas pensado – por seu turno Le Breton afirma que o corpo é a condição primeira da existência humana, isto é, por meio do corpo é que se dá a existência do ser humano. Assim, do corpo não só nascem, mas também se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva. Além disso, Le Breton observa a mudança de paradigma em relação ao corpo, situado no centro das atenções, abandonada a preocupação com a alma. Mauss, por sua vez, volta a atenção ao corpo, não apenas ao seu aspecto

¹³⁵ COMPARIM, Karen Andréia; SCHNEIDER, Jacó Fernando. *O corpo: uma visão da Antropologia e da Fenomenologia*. Revista Faz Ciência, Paraná, v. 06, nº 01, 2004. Disponível em: <<https://goo.gl/HuijtK>> Acesso em: 23 out. 2017.

¹³⁶ Cf. DAOLIO, Jocimar, et al. *Corporeidade: o legado de Marcel Mauss e Maurice Merleau-Ponty*. Disponível em: <<https://goo.gl/S8n58G>>. Acesso em: 4 fev. 2018.

¹³⁷ DAOLIO, 2018.

¹³⁸ Cf. DAOLIO, 2018.

biológico, mas também ao seu componente psicológico e sociológico. Assim, cada gesto do ser humano não só envolve o seu físico, como também questões psicológicas.

Para os três autores, o meio exerce grande influência sobre o sujeito, ou seja, determina a disposição do corpo, a expressão da dor e da alegria, entre outras atitudes. Tais linhas de pensamento relativas ao corpo, mais especificamente o entendimento de que o ser humano é antes de tudo um corpo a ser cuidado, e que cuidar bem do corpo é cuidar de si, ajudarão, no capítulo adiante, a traçar uma ponte entre a espiritualidade e a Educação Física, visto que esta, com o passar do tempo, apropriou-se de certos conhecimentos das ciências humanas, adotando uma visão holística do ser humano ao ir além de suas concepções biológicas.



3 POR UMA ESPIRITUALIDADE LAICA NO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

No primeiro capítulo foi descrito o caminho histórico percorrido pelo dualismo metafísico. Num primeiro momento esse caminho foi exposto de maneira mais geral, juntamente com o seu conceito principal. Posteriormente foram definidos diversos exemplos de dualismo, destacando-se o corpo-alma como o problema central que norteou as discussões principais deste trabalho.

No segundo capítulo já se destaca o corpo, analisado a partir das lentes fenomenológicas de Merleau-Ponty e antropológicas de Marcel Mauss e Le Breton. Desse modo, o objeto corpo é visto de maneira mais ampla, não se restringindo aos aspectos biológico e psicológico, mas também podendo ser visto social e culturalmente. Esse pensamento permite que a dicotomia entre corpo e alma, destacada no primeiro capítulo, apresente indícios de possíveis rupturas com o pensamento até então predominante.

Neste terceiro capítulo o olhar se aproxima do cotidiano escolar da Educação Física, adquirindo uma dimensão mais espiritual e humana dos próprios indivíduos. Com isso, será apresentado brevemente, em um primeiro momento, o cenário do campo religioso contemporâneo, e posteriormente, como pode ser compreendida a construção do ser humano nos planos de ensino e na práxis educacional, apontando-se possíveis aproximações entre o que foi pensado e idealizado e o que se verifica na prática.

O último momento do capítulo busca conduzir um pensamento trabalhado em possíveis propostas de tratamento mais integral do ser humano. Dessa forma, procura-se respeitar todas as dimensões dos indivíduos: psíquica, emotiva, física etc. O foco ou mesmo a proposta principal desse momento do trabalho conduz à possibilidade de que se ofereçam subsídios para a adoção de uma postura capaz de privilegiar tais conceitos de valorização do ser humano, assim tratado como único, no âmbito do seu ambiente de trabalho.

3.1 O campo religioso cristão contemporâneo

Na época atual operam-se numerosas transformações, não só tecnológicas, mas também sociais e religiosas. A razão, durante alguns séculos considerada o sustentáculo da sociedade, dá sinais de cansaço, nem sempre respondendo a todos os anseios do homem. As instituições religiosas, independentemente do meio onde se instalam,

convivem com essas transformações, transformando-se à medida que o mundo se transforma¹³⁹.

A afirmação de Habermas de que se alterou o espaço da religião na sociedade, com sua transposição da esfera pública para o foro particular¹⁴⁰, tem aqui aceitação parcial, pois a religião continua bem viva na esfera pública, especialmente por ser uma fonte não esgotada de recursos, tanto morais quanto existenciais¹⁴¹.

Entretanto, especialmente no ocidente, dificilmente um grupo religioso alcança atualmente a hegemonia social, já posta em cheque com o surgimento de novos movimentos religiosos, que reduziram o número de seguidores dos grupos religiosos tradicionais, tornando o campo religioso¹⁴² cada vez mais competitivo. Afirma Nunes:

Dentre os fenômenos que participam da complexa cena contemporânea, o crescimento dos movimentos religiosos constitui um dos mais surpreendentes. Surpreende, entre outras coisas, que tal crescimento se realize exatamente em uma época tão marcada pelos artefatos tecnológicos e pela constante referência ao discurso científico como garantia de verdade. A novidade dessa ocorrência talvez esteja em um único ponto: a ampliação dos monoteísmos ocidentais manifesta-se no exato momento em que o saber científico começa a expor a humanidade a crises cada vez mais profundas e permanentes, em lugar de solucionar em definitivo os problemas constitutivos da condição humana¹⁴³.

Do mesmo modo, afirma Donizete:

A fragmentação e a privatização da religião, a desterritorialização do espaço religioso e o grande aumento do mercado dos bens simbólicos (Partridge, 2004) provocaram o fim do monopólio das religiões/Igrejas históricas e, por causa disso, a religião pode hoje ser facilmente encontrada e, consumida 'no mega e aberto supermercado mundial da fé': centro comercial, estádio de futebol, circuito de Fórmula 1, aeroporto (Percy, 1996; Clarke, 2006a), rádio, cinema, televisão, internet (Hadden e Cowan, 2000; Karaflogka, 2003;

¹³⁹ Cf. RODRIGUES, Donizete. *Novos movimentos religiosos: realidade e perspectiva sociológica*. Revista *Anthropológicas*, Recife, v. 19, n. 1, 2008, p. 17-42.

¹⁴⁰ Para Jurgen Habermas, nas sociedades modernas, a religião se tornou uma questão puramente privada, reduzida à esfera privada do indivíduo, e mesmo nela, com pouca ou nenhuma capacidade para orientar a conduta. Cf. ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. *A religião e a esfera pública*. Cadernos de Ética e Filosofia Política (USP), São Paulo, v. 12, 1/2008, p. 139-159.

¹⁴¹ Cf. LUCHI, José Pedro. *O lugar das religiões numa sociedade pós-secular*. Discussão da perspectiva de J. Habermas. In: ROSA, Wanderley Pereira; RIBEIRO, Osvaldo Luiz. *Religião e Sociedade (pós) secular*. Santo André-SP: Academia Cristã; Editora Unida, 2014, p. 90.

¹⁴² Bourdieu concebe a ideia de que a sociedade é composta por campos, formados por agentes (dominantes e dominados), que por sua vez digladiam entre si pela conservação e conquista de espaços. A batalha entre eles é determinada pela posse e administração de bens simbólicos e geralmente é travada entre agentes que queiram ascender a posições. Cf. BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 7-15.

¹⁴³ NUNES, Tiago Ribeiro. *Situação do fenômeno religioso contemporâneo*. *Psyche*, São Paulo, v. 12 n.23, dez. 2008.

Dawson e Cowan, 2004; Hojsgaard e Warburg, 2005) e mesmo na Disneylândia (Lyon, 2000)¹⁴⁴.

Tanto quanto se eleva o número de pessoas fascinadas com as propostas das variadas religiões, especialmente dos novos movimentos religiosos, cresce também, não somente no Brasil como em outros países, o número dos ditos sem religião, pessoas desiludidas com o fenômeno religioso. Para tais pessoas, as religiões organizadas não respondem aos seus anseios, e na sua maior parte legitimam as estruturas, em detrimento das pessoas que as compõem¹⁴⁵. Rodrigues, ao abordar o surgimento de novos movimentos religiosos, traça primeiramente os contornos da reconfiguração do universo religioso contemporâneo, centrando-se, por um lado, nas manifestações do sagrado, e por outro, na proliferação desses movimentos, especialmente a partir da década de 1960. O autor entende que tais aspectos devem ser compreendidos como elementos fundamentais da religiosidade contemporânea e como fenômenos que contrariam as concepções lineares da secularização¹⁴⁶.

O ser humano constitui o cerne das diversas religiões. É a ele que se dirigem as diversas propostas do além e a garantia de realização na vida presente (no cristianismo, essa garantia caracteriza os movimentos religiosos neopentecostais). Na maioria, não enxergam o ser humano de forma holística, ignorando grande parte de suas dimensões. Por exemplo, na maior parte desses movimentos religiosos, o cultivo de valores supostamente inerentes à alma mantém sua predominância sobre o cuidado com o corpo, vigorando ainda uma visão dualista.

Em alguns segmentos do cristianismo, o entendimento do ser humano vem sofrendo mudanças. Se antes a atenção aos valores da alma era exclusiva, pesando sobre o corpo profunda desconfiança e suspeita, atualmente os olhares também se voltam à dimensão física do homem e aos cuidados correspondentes, mais concretamente na prática de esportes e nos exercícios físicos, como meios de manter o corpo em forma, aderindo à sua valorização social. Nesse sentido, Vieira afirma:

É benéfica e muito positiva toda mudança de postura em relação ao corpo ocorrida nas últimas décadas. O devido cuidado com o corpo, inclusive no

¹⁴⁴ RODRIGUES, 2008, p. 17-42.

¹⁴⁵ Cf. ROCHA, Abdruschin Schaeffer. *Espiritualidade em ambientes corporativos: uma nova modalidade de retorno do religioso*. In: ROCHA et al. (Orgs.), *Espiritualidades contemporâneas*. Vitória – ES: Editora Unida: Faculdade Unida de Vitória, 2013, p. 23.

¹⁴⁶ Cf. RODRIGUES, 2008, p. 17-42.

seio das comunidades cristãs, reflete uma nova maneira de pensar. Se é pelo corpo que vivemos, cuidar bem do corpo é cuidar de si¹⁴⁷.

Acredita-se que tal mudança é fruto do meio social em que tais movimentos religiosos se inserem. Conforme assinala Le Breton, a sociedade atual está voltada aos cuidados do corpo¹⁴⁸, destacando-o. Porém, ainda são numerosos os grupos religiosos que suspeitam do corpo e da satisfação dos seus desejos. Entre tais grupos religiosos estão as Assembleias de Deus, a Congregação Cristã, a Igreja Cristã Maranata e as Batistas Renovadas, entre outras denominações.

3.2 O ser humano entre planos de ensino e práxis educacional

Aqui a análise se concentrará na concepção do ser humano nos currículos de Educação Física nacional e estaduais, não se limitando ao campo teórico, mas estendendo-se à verificação da sua prática no dia a dia de professores de Educação Física. Esses currículos foram escolhidos justamente por constituírem manuais de orientação no ensino da Educação Física, ajudando também a ampliar esse olhar a diversos estados e municípios do Espírito Santo, tornando essa percepção teórica a mais geral possível.

Tanto para o currículo nacional quanto para o estadual, a Educação Física é primeiramente caracterizada como área de conhecimento que aborda atividades corporais em condições culturais, sociais e biológicas. Por meio dessas três dimensões, a Educação Física não mais se restringe aos esportes e/ou às questões ligadas à saúde, mas também abrange a formação humana crítica e reflexiva. Com isso, ela acaba participando do eixo cultural, com papel primordial na propagação da cultura corporal¹⁴⁹.

Conforme mostram os currículos, até os anos 1970 a Educação Física se relacionava muito intimamente com áreas como a saúde e os esportes, as principais ou talvez as únicas referências dos profissionais no ambiente escolar. Esse modo de trabalho dos profissionais era pautado apenas no desenvolvimento físico (biológico) dos

¹⁴⁷ VIEIRA, Jonathan Bahia. *Corporeidade em Alfonso Garcia Rubio e Adolphé Gesché*. 2016. 175 f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Teologia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016, p. 124.

¹⁴⁸ LE BRETON, David. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Brasil: Papyrus, 2003, p. 240.

¹⁴⁹ A cultura corporal humana é um conhecimento sócio-histórico produzido e acumulado pela humanidade. Ao mesmo tempo em que o homem constrói a sua corporeidade, também produz e reproduz a cultura. Cf. ESPÍRITO SANTO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO (SEDU). *Currículo Básico Escola Estadual*. Guia de implementação. Disponível em: <<https://goo.gl/ZimhJq>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

alunos. Esse modelo ainda vigora nas escolas, apesar de antigo e muito questionado por um “Movimento Renovador”¹⁵⁰ da Educação Física, em meados de 1980, cujo pensamento foi fundamental para o embasamento dos currículos. O caminho adotado nos Currículos Nacional e Básico da Secretaria Estadual para o ensino de Educação Física passa a se pautar numa dimensão educacional mais ampla, tendo em vista uma reflexão pedagógica relativa aos meios da cultura corporal humana, construída historicamente¹⁵¹.

Tais documentos convidam todos os professores de Educação Física a uma visão mais crítica do mundo, percebendo-se em primeiro lugar a importância da disciplina para o processo de ensino e aprendizagem, com a identificação dos seus aspectos lúdicos, estéticos e éticos, em que a dimensão corpórea do ser promove uma considerável aprendizagem, tangenciando as manifestações culturais corporais. Promove-se, assim, uma educação bem embasada, de forma a capacitar os alunos tornarem-se cidadãos reflexivos, analíticos e críticos e, portanto, participantes ativos da sociedade¹⁵².

Acompanhando essa proposta de se pensar a Educação Física no ambiente escolar, constroem-se algumas competências e habilidades, tomando como referência os eixos temáticos que o Ministério da Educação e a Secretaria da Educação utilizam para nortear o trabalho com os educandos, a saber: conhecimento do corpo, corpo-linguagem/corpo expressão, jogos e movimentos individuais e coletivos, e jogos esportivos¹⁵³. Ressalta-se o primeiro eixo, pela tentativa marcante do Estado de sugerir o rompimento do dualismo, como mostra um excerto do currículo:

Conhecimento sobre o corpo: considera o corpo no seu aspecto físico, social, afetivo, emocional e cognitivo, na tentativa de superar a visão dicotômica entre corpo e mente presente em nossa sociedade. Dessa forma, entende-se o corpo na sua relação com o meio e que dialoga com diferentes contextos socioculturais desenvolvidos historicamente, buscando problematizar a relação do corpo com saúde, trabalho e cultura. Além disso, compreendendo

¹⁵⁰ “Influenciado por um contexto sociopolítico e pelas teorias sociológicas da educação, esse movimento questiona o papel dessa disciplina na sociedade e desencadeia a produção de teorias pedagógicas críticas, que contribuem para o desenvolvimento de profundas mudanças no entendimento do que venha a ser o ensino desse componente curricular. Foi com base nessas teorias críticas e na Ementa Curricular desta disciplina.” Cf. ESPÍRITO SANTO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO (SEDU). *Currículo Básico Escola Estadual*. Guia de implementação. Disponível em: <<https://goo.gl/ZimhJq>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

¹⁵¹ Cf. ESPÍRITO SANTO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO (SEDU). *Currículo Básico Escola Estadual*. Guia de implementação. Disponível em: <<https://goo.gl/ZimhJq>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

¹⁵² Cf. ESPÍRITO SANTO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO (SEDU). *Currículo Básico Escola Estadual*. Guia de implementação. Disponível em: <<https://goo.gl/ZimhJq>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

¹⁵³ Cf. ESPÍRITO SANTO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO (SEDU). *Currículo Básico Escola Estadual*. Guia de implementação. Disponível em: <<https://goo.gl/ZimhJq>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

os limites e as possibilidades corporais, respeitando as diferenças de gênero, etnia, classe social e idade¹⁵⁴.

A Educação Física, assim, é pensada a partir da valorização do ser na sua totalidade. Nesse sentido, todos os aspectos podem ser percebidos em sintonia e idealizados de maneira única. Entretanto, pelo menos na teoria, essa preocupação é evidente e se assemelha demais ao referencial teórico apresentado no segundo capítulo desta dissertação. No mesmo sentido:

As relações entre Educação Física e sociedade passaram a ser discutidas sob a influência das teorias críticas da educação: questionaram-se seu papel e sua dimensão política. Ocorreu então uma mudança de enfoque, tanto no que dizia respeito à natureza da área quanto no que se referia aos seus objetivos, conteúdos e pressupostos pedagógicos de ensino e aprendizagem. No primeiro aspecto, se ampliou a visão de uma área biológica, reavaliaram-se e enfatizaram-se as dimensões psicológicas, sociais, cognitivas e afetivas, concebendo o aluno como ser humano integral. No segundo, se abarcaram objetivos educacionais mais amplos (não apenas voltados para a formação de um físico que pudesse sustentar a atividade intelectual), conteúdos diversificados (não só exercícios e esportes) e pressupostos pedagógicos mais humanos (e não apenas adestramento). Atualmente se concebe a existência de algumas abordagens para a Educação Física escolar no Brasil que resultam da articulação de diferentes teorias psicológicas, sociológicas e concepções filosóficas. Todas essas correntes têm ampliado os campos de ação e reflexão para a área e a aproximado das ciências humanas, e, embora contenham enfoques científicos diferenciados entre si, com pontos muitas vezes divergentes, têm em comum a busca de uma Educação Física que articule as múltiplas dimensões do ser humano¹⁵⁵.

Discute-se agora como tais ideias podem ser introduzidas na prática, completando esse movimento de valorização do ser humano e promovendo uma educação que colabore com o desenvolvimento da espiritualidade. Em tese, é um desafio muito grande, porém algumas ferramentas podem ser exploradas para o alcance de algo mais concreto no campo das ações.

Alguns autores da Pedagogia do Esporte tratam da formação de alunos, mostrando como a busca incessante do exercício da cidadania deve ser conduzida. Por conseguinte, é primordial ensinar mais que os esportes a todos, e o produto da aprendizagem passaria por diversas dimensões, como a melhor convivência em

¹⁵⁴ ESPÍRITO SANTO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO (SEDU). *Currículo Básico Escola Estadual*. Guia de implementação. Disponível em: <<https://goo.gl/ZimhJq>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

¹⁵⁵ BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Parâmetros curriculares nacionais: Educação física* / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

sociedade, a discussão e a construção de regras, assim como o relacionamento com situações desafiadoras e tomadas de decisão pertinentes¹⁵⁶.

Os conteúdos são, portanto, trabalhados a partir de três dimensões, correspondentes às questões referentes ao “que se deve saber?” (dimensão conceitual), “o que se deve saber fazer?” (dimensão procedimental), “como se deve ser?” (dimensão atitudinal). Na dimensão conceitual o aprendizado é mais concreto no que tange ao conteúdo: na medida em que o aluno se apropria de significados de objetos, fatos ou símbolos, utiliza-os para interpretações ou exposições de situações. Já na dimensão procedimental o foco dirige-se ao estímulo para que os alunos pratiquem suas ações de maneira mais eficaz, trabalhando o saber fazer de cada um. A dimensão atitudinal explora os conteúdos mais relacionados com a propagação de valores, ética e normas que devem ser vividos não apenas nas aulas, mas em todas as instâncias da vida¹⁵⁷.

A última dimensão (atitudinal) tem papel de grande destaque nesta discussão, por se tratar da promoção da espiritualidade no ambiente escolar, especificamente nas aulas de Educação Física. Outras dimensões não serão ignoradas, dada a preocupação com a desfragmentação dos saberes, assim como com a divisão do ser humano. O termo conteúdo ainda é aplicado ao que deve ser aprendido com exclusividade da dimensão conceitual; é como se o conteúdo só fosse conceitual pela percepção de conceitos, princípios e nomes a ser aprendidos. Porém o conhecimento perpassa essas dimensões de forma simultânea e todas essas particularidades do saber devem ser valorizadas, pois fazem parte da formação integral dos sujeitos.

3.3 Por uma visão integral do ser humano

A necessidade de elaboração de uma proposta de visão holística do ser humano pode ser explicada pelo anseio de ruptura com a dicotomia corpo/alma apresentada no primeiro capítulo desta dissertação. Em tal visão integral do sujeito, valores advindos de uma espiritualidade laica podem ser trabalhados no ensino da Educação Física e vice-versa.

¹⁵⁶ Cf. BARROSO, André Luís Ruggiero; DARIDO, Suraya Cristina. *A pedagogia do esporte e as dimensões dos conteúdos: conceitual, procedimental e atitudinal*. *Revista da Educação Física/UEM* Maringá, v. 20, n. 2, 2. trim. 2009, p. 281-289.

¹⁵⁷ Cf. DARIDO, Suraya Cristina. *Educação física na escola: conteúdos, suas dimensões e significados*. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. Caderno de formação: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, v. 16, 2012, p. 51-75.

Muito embora alguns autores falem de superação da visão dualista, esta ainda predomina em muitos espaços da sociedade, pois a ideia fundamental de fronteira entre mente e corpo – e com ela, as dicotomias que a acompanham, como cognição/emoção, fato/valor, conhecimento/imaginação e pensamento/sentimento – está profundamente enraizada no conhecimento ocidental, fixando-se em muitas propostas de ensino, o que não admite a sustentação da ideia de que tal pensamento tenha sido superado¹⁵⁸.

É possível pensar em outros conceitos para redução dessas tensões envolvendo a visão dualista, considerando-se a contribuição da Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty e a Antropologia de Le Breton e Marcel Mauss, às quais se fez referência no segundo capítulo.

É imperativo, em primeiro lugar, substituir a fragmentação do conhecimento por um olhar cada vez mais amplo ao entorno e ao ser humano em si. Esse pensamento é muito trabalhado por Edgar Morin, ao afirmar:

as realidades globais e complexas fragmentam-se; o humano desloca-se; sua dimensão biológica, inclusive o cérebro, é encerrada nos departamentos de biologia; suas dimensões psíquica, social, religiosa e econômica são ao mesmo tempo relegadas e separadas umas das outras nos departamentos de ciências humanas; seus caracteres subjetivos, existenciais, poéticos encontram-se confinados nos departamentos de literatura e poesia. A filosofia, que é por natureza a reflexão sobre qualquer problema humano, tornou-se, por sua vez, um campo fechado sobre si mesmo¹⁵⁹.

A crítica à fragmentação do saber ou simplesmente à sua hiperespecialização¹⁶⁰ parte da desconsideração do todo em relação à parte, o que dificulta uma maior comunicação entre as mais diversas áreas do conhecimento. Morin cita a Economia como exemplo de especialização fechada, pois no seu modo de ver, apesar de ser “a ciência social matematicamente avançada, é também a ciência social e humanamente mais atrasada, já que se abstraiu das condições sociais, históricas, políticas, psicológicas, ecológicas, inseparáveis da atividade econômica”¹⁶¹. Ou seja, dificilmente dialoga com as demais áreas do saber que ajudariam a interpretar mais solidamente as causas e as consequências das mudanças no próprio mercado econômico.

¹⁵⁸ Cf. BARATO, Jarbas Novelino. *Conhecimento, trabalho e obra: uma proposta metodológica para a educação profissional*. Boletim Téc. Senac: a R. Educ. Prof., Rio de Janeiro, v. 34, n. 3, set./dez. 2008, p. 1-15.

¹⁵⁹ MORIN, Edgar, 1921. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000, p. 40.

¹⁶⁰ Ou seja, a especialização que se fecha sobre si mesma, sem permitir sua integração na problemática global ou na concepção de conjunto do objeto do qual ela só considera um aspecto ou uma parte. Cf. MORIN, 2000, p. 41.

¹⁶¹ MORIN, 2000, p. 39.

A ideia de consideração do conhecimento como único e a necessidade de diálogo entre as suas diferentes partes em muito se assemelha à necessidade do cultivo da visão holística do ser humano, descartando-se a fragmentação e o entendimento de superioridade de possíveis áreas que compõem o sujeito. Nesse diapasão, a proposta aqui é pensar numa perspectiva de diálogo entre a religião e o ensino da Educação Física.

Nessa perspectiva a igreja não se configuraria somente como instituição propriamente dita, mas se ajustaria a uma proposta de espiritualidade laica, cuja base se encontra no distanciamento das imposições dogmáticas das religiões, resguardando tão somente a herança espiritual de suas tradições, principalmente no que concerne à valorização do transcendente, do espiritual, da ideia de sagrado, de sacrifício e, acima de tudo, do amor¹⁶². Temas como a ética, o sentido da vida, o respeito pelo próximo e o amor podem ser relacionados nessa ideia central de espiritualidade.

Constata-se, por sinal, que as denominações religiosas não detêm o poder absoluto sobre tais temas. Desse modo, o sagrado pode ser visto e vivido em ambientes profanos, ou seja, fora das amarras das instituições religiosas, o que o incluiria na prática de esportes e nos exercícios voltados ao cultivo da boa saúde. Com essa proposta, a Educação Física se relacionaria mais diretamente com a religião, conforme referido, apropriando-se da ideia de espiritualidade, na expectativa de transformar o atual cenário de desavenças.

Com esse novo entendimento, de que forma a vivência da espiritualidade, que pressupõe uma visão holística do ser humano e ao mesmo tempo contesta a visão dualística, contribuiria para a prática da Educação Física? A resposta a essa pergunta requer primeiramente o entendimento dos conceitos nela apresentados. O primeiro conceito, a ideia de espiritualidade, impõe outra questão: de que espiritualidade se está falando? Afinal, a espiritualidade referida difere daquela institucionalmente veiculada.

Luc Ferry, dialogando com essa “espiritualidade laica”, propõe uma nova forma de espiritualidade, que, em oposição às espiritualidades religiosas, consistiria numa busca da sabedoria e da espiritualidade¹⁶³. Ela se assenta, segundo o autor, em três princípios fundamentais: a necessidade de se viver com lucidez, que consiste na aceitação de condição de mortal e exige coragem do sujeito; a certeza de que a vida

¹⁶² Cf. FERREIRA, Douglas William. *A espiritualidade laica de Luc Ferry: uma proposta terrena de salvação*. Disponível em: <<https://bit.ly/2HbyARp>>. Acesso em: 1 jun. 2018.

¹⁶³ Cf. FERRY, Luc. *A revolução do amor: por uma espiritualidade laica*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010, p. 95.

humana se encontra permanentemente sobre dois males, o passado e o futuro, os principais focos de angústia a atormentar em vão o homem, que só pode evitar tal situação esforçando-se para o alcance da verdadeira serenidade; por fim, a condição de vida boa, que pode ser conquistada aqui, e não na eternidade¹⁶⁴. Em relação a esse último princípio, Ferry acrescenta:

O objetivo da vida humana não é a sobrevivência eterna. Não é aí que está a salvação, como já dissemos. É preciso acrescentar, porém, que a busca religiosa não é apenas inútil. A verdade é que ela recai no seu contrário, nos condena à morte nesta vida mesmo, fazendo-nos perder nosso ser próprio, nossa identidade fundamental de seres humanos. Arrancar-se de si, negar a condição de mortal, aceitando uma promessa de imortalidade, é, paradoxalmente, condenar-se a se tornar semelhante às sombras que povoam o inferno, que não são mais pessoas porque perderam o rosto, o nome, a voz, porque não são mais elas mesmas. Paradoxo de uma profundidade abismal: a busca da imortalidade é outra maneira de morrer, de dissolver o ser¹⁶⁵.

Ora, tais princípios constroem uma ponte comum com a Educação Física. Quando se considera a dimensão espiritual do sujeito na elaboração dos currículos nacionais e estaduais, dota-se o professor da compreensão do trabalho de tal dimensão no ensino da Educação Física, contribuindo para a construção de uma visão holística, que, segundo Rocha, caracteriza-se pela proposta de ser humano mais “integral”, descompartmentado, pois o corpo funciona em uníssono: corpo, mente e espírito estão todos interligados¹⁶⁶.

O termo holístico, *grosso modo*, significa inteiro, total ou mesmo conjunto, e diz respeito à inteireza do mundo e dos próprios seres. Nessa circunstância, a integralidade, de caráter dinâmico, evolucionário e criativo, é compreendida como uma das particularidades mais primordiais do mundo. A visão holística procura eliminar todo tipo de redução, seja ela religiosa, científica, racionalista ou mecanicista. Portanto, o novo paradigma holístico acredita na interligação de tudo no mundo, numa relação de interdependência¹⁶⁷.

A Educação Física, ao se apropriar dessa visão, contribui para a redução do esfacelamento e a derrubada da visão unilateral do conhecimento, como do próprio ser humano. Por isso, a visão holística propõe aos especialistas a abertura para outras áreas de conhecimento, vizinhas ou não, adotando uma ética natural, evitando a robotização

¹⁶⁴ Cf. FERRY, 2014, p. 99-100.

¹⁶⁵ FERRY, 2012, p. 100.

¹⁶⁶ ROCHA, 2013, p. 15-31.

¹⁶⁷ ZAMPERE, Edilene. *Uma visão holística dentro da educação física*. -Revista Brasileira de Ciência & Movimento - v.6 - n.1, 1992, p. 95-97.

do corpo e dissolvendo essas separações, corresponsáveis pela fragmentação não só do corpo, mas também do conhecimento em geral. Pensar holisticamente é uma necessidade real e se apropriar de tal pensamento permite transformar valores e romper com vários modelos dicotômicos da sociedade¹⁶⁸.

Os embates entre a Educação Física e a educação recebida em algumas instituições religiosas residem no fato de que a maior parte das doutrinas dessas instituições formou-se durante a Idade Média, daí a sua rigidez. Rigoni confirma, por meio de análises de comportamento e discursos de pessoas entrevistadas em sua tese de doutorado, que a educação de algumas instituições religiosas gera numerosas implicações para as aulas de Educação Física.

Um dos conteúdos dessa disciplina que sofre constantes ataques dos segmentos religiosos fundamentalistas do cristianismo refere-se ao caráter competitivo dos esportes e à necessidade de manter o corpo em forma. Embora alguns membros participem de algumas ações esportivas, jamais podem competir, e muito menos dispor de seu corpo de modo mais à vontade¹⁶⁹. Pagni alerta que, para algumas agremiações religiosas, “o cultivo do próprio corpo representava a descoberta das necessidades e desejos humanos obscurecidos pelo pensamento religioso, a possibilidade do pecado, colocando em risco a moral cristã e a formação espiritualista pretendida pelos colégios religiosos”¹⁷⁰. O esporte e a necessidade de manter o corpo em forma são assim considerados, em algumas agremiações religiosas, uma prática mundana, de que é necessário abdicar. O “mostrar-se”, “expor-se corporalmente” e o ser notado como corpo configura a ideia que essas instituições têm dessa prática, mesmo que, do ponto de vista mais técnico, o esporte não considere essas características como próprias e legitimadoras.

Entretanto, muitos valores de uma espiritualidade laica podem ser cultivados na prática de esportes ou de exercícios físicos, ou podem fazer parte dos currículos de ensino de Educação Física, independentemente da idade dos praticantes. Do mesmo modo, muito se pode ganhar com uma visão da prática de exercícios físicos destituída de preconceitos no campo religioso.

A construção de uma visão holística do ser humano requer a compreensão de que cada ramo do saber tem algo com que contribuir, devendo existir uma comunicação

¹⁶⁸ ZAMPERE, 1992, p. 96.

¹⁶⁹ Cf. RIGONI, Ana Carolina Capellini; DAOLIO, Jocimar. Corpos na escola: reflexões sobre educação física e religião. *Movimento*, Porto Alegre, v. 20, n. 3, jul./set. de 2014, p. 887.

¹⁷⁰ PAGNI, Pedro Ângelo. *A prescrição dos exercícios físicos e do esporte no Brasil (1850-1920): cuidados com o corpo, educação física e formação moral*. In: FERREIRA NETO, Amarílio (Org.). *Pesquisa histórica na educação física*. Vitória: CEFD/UFES, v. 2, 1997, p. 59-82.

eficiente entre eles. Admitindo-se o saber como uno, de que também faz parte a educação religiosa, seus valores não ficam de fora, pois embora seja um fenômeno sociológico e histórico, a religião é também um fenômeno pessoal, de grande valor para a humanidade, na verdade a sua mais antiga expressão cultural, capaz de influenciar a estrutura da personalidade. Assim, é impossível ignorá-la ou diminuir a condição de determinante cultural que assume, inclusive nas organizações¹⁷¹.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais voltados à Educação Física merecem ser criticados, pois sua visão supostamente holística não leva em conta a contribuição advinda da Educação Religiosa, ainda que laica. O texto do documento assim manifesta:

As relações entre Educação Física e sociedade passaram a ser discutidas sob a influência das teorias críticas da educação: questionaram-se seu papel e sua dimensão política. Ocorreu então uma mudança de enfoque, tanto no que dizia respeito à natureza da área quanto no que se referia aos seus objetivos, conteúdos e pressupostos pedagógicos de ensino e aprendizagem. No primeiro aspecto, se ampliou a visão de uma área biológica, reavaliaram-se e enfatizaram-se as dimensões psicológicas, sociais, cognitivas e afetivas, concebendo o aluno como ser humano integral. No segundo, se abarcaram objetivos educacionais mais amplos (não apenas voltados para a formação de um físico que pudesse sustentar a atividade intelectual), conteúdos diversificados (não só exercícios e esportes) e pressupostos pedagógicos mais humanos (e não apenas adestramento)¹⁷².

Como se vê, a dimensão espiritual do sujeito é abandonada. Não se pretende aqui advogar a favor de uma proposta de ensino voltada às doutrinas religiosas, pois, conforme já dito, pretende-se que seja considerada uma espiritualidade laica, cujos valores fornecerão uma visão mais completa do homem.

Pretende-se aqui enxergar os limites e as possibilidades dessas duas esferas, integrando-as. Não se trata de empreender um modo totalmente novo de lecionar Educação Física, mas apresentar as possibilidades de encontro desses dois campos (Educação Física e espiritualidade), trabalhando-os continuamente em conjunto, a fim de garantir uma formação mais humana e cidadã dos alunos nos entornos escolares e na sociedade em geral.

Para que esse encontro seja viabilizado, o planejamento das aulas deverá se situar próximo à dimensão atitudinal apresentada no tópico anterior (3.2). Como o foco desse tópico é o exame dessas dimensões, já no campo da prática, e a análise do modo como elas se relacionam com a Educação Física, é oportuno explorar os seguintes

¹⁷¹ RODRIGUES, Cátia Cilene Lima; PINHEIRO, Rayane Rafaela. *A Doutrina Pentecostal e a Prática de Atividades Físicas*. Instituto Presbiteriano Mackenzie. Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2012, p. 2

¹⁷² BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL, 1997.

termos: normas (regras comportamentais compartilhadas por um grupo específico, que devem ser respeitadas e obedecidas); atitudes (sentimentos e ações expressadas pelos indivíduos, de acordo com determinadas situações); e valores que, embora estejam inter-relacionados, serão analisados em separado, no intuito de identificá-los com mais precisão no decorrer do processo educativo¹⁷³.

Exemplos de normas são a pontualidade e a obrigatoriedade de vestimenta adequada à prática esportiva. Essas normas são construídas conforme a importância a elas atribuída por determinado, e seu descumprimento pode levar a punições estabelecidas. O cumprimento/respeito das regras impostas em determinado jogo nas aulas de Educação Física é um exemplo muito específico da área. Um tipo de norma que pode contribuir para a promoção da ética e dos valores seria premiar os times que promovessem alguma *atitude da paz*. O aluno que tivesse algum gesto significativo, no que se refere aos bons costumes, no decorrer de determinado jogo, seria premiado com algo¹⁷⁴.

Um exemplo de atitude a ser valorizada é ter cuidado com a integridade física dos adversários e companheiros durante a atividade física, empenhando-se, no ambiente de aula, em proporcionar um ambiente com menos riscos de acidentes. A dedicação à boa execução das habilidades motoras também pode ser encarada como atitude positiva, assim como o respeito às opiniões alheias. Afinal, todos têm o direito de participar das atividades, como também o direito à livre expressão de sentimentos e ideias¹⁷⁵.

Nas aulas comprometidas com a proposta desse conteúdo atitudinal, é sempre viável o estímulo à autoavaliação e à avaliação do momento educativo. Com isso, os alunos serão capazes de perceber os pontos positivos e negativos da dinâmica da aula, assim como seu próprio comportamento, assim como o dos colegas¹⁷⁶.

Propor um plano de aula de Educação Física que promova a espiritualidade fora do âmbito religioso requer, de imediato, uma prática consciente. O plano – de ensino ou de aula – precisa ser escrito intencionalmente no planejamento. Apesar dos discursos que evidenciam a importância de trabalhar valores e ética nos ambientes escolares, poucas vezes isso se dá intencionalmente, verificando-se na prática apenas no campo do currículo, oculto em muitos casos. A proposta intencional é mais coerente,

¹⁷³ Cf. FREIRE, Elisabete dos Santos et al. *A dimensão Atitudinal nas aulas de Educação Física: Conteúdos selecionados pelos professores*. J. Physical Education, v. 21, n. 2, 2010, p. 227.

¹⁷⁴ Cf. FREIRE, 2010, p. 227 e 228.

¹⁷⁵ Cf. FREIRE, 2010, p. 228.

¹⁷⁶ Cf. FREIRE, 2010, p. 229.

tornando o trabalho mais reflexivo e explicitando claramente aquilo que se refere aos valores aprimorados e trabalhados¹⁷⁷.

As dimensões atitudinais trabalhadas nas aulas de Educação Física devem ser vistas mais especificamente a partir da própria área de conhecimento, tendo em vista o desenvolvimento completo do aluno. É essencial, portanto, trabalhar essas dimensões (valores e éticas) por meio do movimento, pois o movimentar-se é uma característica marcante dessa área de conhecimento. Cada área do conhecimento abriga algum tipo de conteúdo atitudinal específico, sendo indispensável um olhar mais atento para as especificidades desses conteúdos atitudinais próprios da Educação Física, trabalhando-as nas aulas¹⁷⁸.

Trabalhar em aula valores e atitudes, influenciados por fatores biológicos, sociais e psicológicos, é, de certa forma, complexo. É necessário adotar estratégias preestabelecidas, assim como preparar um ambiente propício à criação desses anseios. Quais conteúdos devem ser escolhidos para serem trabalhados e o modo como devem ser ministrados são duas dúvidas recorrentes no estabelecimento das estratégias pedagógicas¹⁷⁹.

Portanto, a proposta de plano de aula, ou mesmo de plano de curso de Educação Física, que visa se relacionar mais proximamente possível de uma educação pautada na condição de promoção da espiritualidade laica seria de caráter macro, contemplando conteúdos não restritos à Educação Física, ou seja, extensivos a toda a instância escolar e não escolar, assim como conteúdos atitudinais relacionados com a própria Educação Física, num campo micro, subsumido ao anterior e centrado no movimento. A boa convivência humana pode ser determinada pelo conteúdo no campo macro, propagando paz, felicidade, responsabilidade, amor, humildade e cooperação, entre outros valores. Já um plano mais específico, com elementos característicos da própria Educação Física e distintos das demais disciplinas, promove a ideia de segurança nas práticas esportivas, a estética corporal, o bem-estar físico e um estilo de vida saudável, dentre outras práticas.

Nenhuma perspectiva de valorização da vida desconsidera o direito humano à dignidade. Daí a necessidade de estimulação dos indivíduos à busca de hábitos

¹⁷⁷ Cf. FREIRE, 2010, p. 224.

¹⁷⁸ Cf. FREIRE, 2010, p. 225.

¹⁷⁹ FREIRE, 2010, p. 225.

promotores de uma qualidade de vida (QV)¹⁸⁰ considerável. Certamente fatores como a situação econômica (salário), o lazer, a longevidade, a saúde e mesmo a espiritualidade podem ser determinantes para a mensuração da QV, que pode variar de indivíduo para indivíduo, ou mudar ao longo da vida. Principalmente no tocante à espiritualidade e à saúde, a Educação Religiosa e a Educação Física, respectivamente, despontam como agentes importantes para a impulsão desse estado almejado por todos.¹⁸¹

As equipes dos primeiros hospitais responsáveis pelo tratamento de indivíduos com problemas mentais, principalmente nos Estados Unidos e na Europa, no começo do século XIX, eram basicamente formadas por pessoas ligadas a algum tipo de religião. Ou seja, eram monges ou sacerdotes. É interessante salientar que na década de 1980, sob a inspiração dos estudos de Sigmund Freud e G. Stanley nas áreas de Psiquiatria e Psicologia, apresenta-se um contraponto: a religião já perde mais espaço e influência na propagação do bem-estar social. As crenças e opiniões pessoais desses pensadores impulsionaram a constatação de a própria religião poderia ser responsável por uma espécie de neurose na vida das pessoas. As teorias psicológicas abriam seu espaço para se tornarem a base dos tratamentos de indivíduos acometidos de transtornos mentais. Ao se inaugurar o século XXI, a religião é novamente retomada como fator importante para a promoção do bem-estar, diante da verificação de que os indivíduos religiosos não são tão neuróticos como supunham Freud e Stanley, e de que pessoas de fé religiosa podem lidar melhor com situações problemáticas do dia a dia, assim como se recuperar melhor de situações traumáticas e depressivas.¹⁸²

O conceito de saúde planejado pela OMS (Organização Mundial da Saúde) contempla o ser humano de modo bastante holístico. A Resolução da 101ª Sessão da Assembleia Mundial de Saúde permitiu o vislumbre da saúde como um estado dinâmico composto de bem-estar físico, social, mental e até mesmo espiritual. Considerada, assim, a influência da espiritualidade no meio social, a OMS ampliou os olhares nessa área, incluindo-a nos conceitos multidimensionais de saúde. A partir daí, a espiritualidade ocupa também lugar de atenção no que se refere à saúde do ser, valendo

¹⁸⁰ QV numa visão holística como a “condição humana resultante de um conjunto de parâmetros individuais e sócio-ambientais, modificáveis ou não, que caracterizam as condições em que vive o ser humano” Cf. LEMOS, Carlos Augusto Fogliarini. *Qualidade de vida na carreira profissional de professores de educação física do magistério público estadual/RS*. 2007. 114 f. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina. 2007, p. 14.

¹⁸¹ Cf. LEMOS, 2007, p. 14.

¹⁸² KOENIG, Harold G. Religião, espiritualidade e psiquiatria: uma nova era na atenção à saúde mental. Tradução de Alexander Moreira Almeida / Rev. Psiqu. Clín. 34, supl 1; 5-7, 2007.

ressaltar que essa compreensão espiritual está além de qualquer religião particular, estendendo-se a todo e qualquer modo de expressão da espiritualidade, praticado ou não por meio das diversas religiões. Portanto, para que o indivíduo seja considerado saudável, é imprescindível que se mantenham esses estados em total equilíbrio. A espiritualidade, quando desvinculada de uma religião específica ou de qualquer proporção espiritual, pode ser vivida por meio de normas, crenças ou mesmo códigos de conduta notadamente respeitados e seguidos.¹⁸³

Tendo em vista esse novo conceito de saúde apresentado pela OMS, a espiritualidade, com o passar do tempo, consegue ser compreendida como uma base poderosa no âmbito emocional, constituindo um apoio tal que pode contribuir significativamente para o bem-estar dos sujeitos, principalmente pelo suporte dado para as superações de situações de estresse.¹⁸⁴

Um dado interessante e que chama a atenção para que o bem-estar espiritual se situe em um plano de importância dentro de uma proposta educacional foi apresentado na seguinte pesquisa:

Indivíduos com bem-estar espiritual baixo e moderado apresentaram o dobro de chances de possuir transtornos psiquiátricos menores (TPM) (OR=0,42; IC95% 0,22-0,85). Sujeitos com bem-estar existencial baixo e moderado apresentaram quase cinco vezes mais TPM (OR=0,19; IC95% 0,08-0,45). **CONCLUSÕES:** O presente estudo mostrou que o bem-estar espiritual atua como fator protetor para transtornos psiquiátricos menores, sendo a sub-escala de bem-estar existencial a maior responsável pelos resultados obtidos.¹⁸⁵

A proposta que aqui se apresenta é de contribuição para uma educação escolar capaz de promover o bem-estar integral dos alunos, que são os agentes principais desse processo educativo. Com isso, percebe-se que a Educação Física deve se relacionar com diversos outros agentes para que essa tão almejada integralidade (visão holística) possa ser contemplada, uma vez que se constata que o bem-estar é configurado de inúmeras maneiras, inclusive espiritualmente, e por isso a relação entre a Educação Física e o

¹⁸³ FLECK, Marcelo Pio de Almeida. O instrumento de avaliação de qualidade de vida da Organização Mundial da Saúde (WHOQOL-100): características e perspectivas. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v.5, n.1, p.33-38, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S14138123200000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 2 nov. 2018.

¹⁸⁴ FLORIANO, Petterson de Jesus; DALGALARRONDO, Paulo. Saúde mental, qualidade de vida e religião em idosos de um Programa de Saúde da Família. *J. bras. psiquiatr.* Rio de Janeiro, v. 56, n. 3, p. 162-170, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852007000300002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 nov. 2018.

¹⁸⁵ VOLCAN, Sandra Maria Alexandre et al. Relação entre bem-estar espiritual e transtornos psiquiátricos menores: estudo transversal. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 440-445, agosto 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102003000400008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 2 nov. 2018.

Ensino Religioso (na perspectiva espiritual) enriquece esse contexto, tendo em vista o bem-estar geral de nossos educandos. A Educação Física pode ser trabalhada dentro dos aspectos físicos, como bem característico da própria área, mas também se podem explorar outros aspectos como o social, o cultural, o mental e o espiritual. No que tange a este último, empreende-se uma ligação com as questões referentes a uma espécie de educação religiosa.

Tendo como base todos os estudos levantados até aqui sobre a relevância do trabalhar com as dimensões espirituais dos seres humanos, é indispensável deixar claro que a intenção não é proporcionar uma educação precisamente religiosa, principalmente nos entornos escolares. Por causa disso, essa propagação do bem-estar espiritual deve ser trabalhada apenas na dimensão realmente espiritual, cultivando-se o máximo zelo pela laicidade, de modo que não se enverede por caminhos religiosos, sob a influência das próprias instituições religiosas características dos educandos. Com isso, assim destacamos o conceito de espiritualidade:

[...] aquilo que dá sentido à vida, e é um conceito mais amplo que religião, pois esta é uma expressão da espiritualidade. Espiritualidade é um sentimento pessoal, que estimula um interesse pelos outros e por si, um sentido de significado da vida capaz de fazer suportar sentimentos debilitantes de culpa, raiva e ansiedade.¹⁸⁶

Feita toda a explanação a respeito da relevância do desenvolvimento da espiritualidade na sociedade para a promoção do bem-estar, e sabendo-se ainda que, no caso, é oportuno trabalhar essa dimensão no ambiente escolar, em parceria com as disciplinas escolares (no caso em análise, a Educação Física), aponta-se a partir deste momento o outro ponto dessa relação, a saber, o papel da Educação Física e sua importância para o ambiente religioso e a caminhada espiritual. Como o principal objeto de estudo e preocupação da Educação Física é o corpo, é impossível deixar de considerar seu instrumento maior de análise. Portanto, a relação entre Educação Física e a Religião é representada pelo corpo. Se é pelo corpo que o ser humano interage e se relaciona com o mundo, é por meio dele que os indivíduos executam suas práticas religiosas. Além de constituir um objeto passível de exteriorizar as emoções, os desejos e as sensações, ele pode ser instrumento de ligação entre o ser humano e o sagrado. A partir desse pensamento, pretende-se que esse corpo seja sempre bem cuidado, porque é

¹⁸⁶ MURAKAMI, Rose; CAMPOS, Claudinei José Gomes. Religião e saúde mental: desafio de integrar a religiosidade ao cuidado com o paciente. *Rev. bras. enferm.* Brasília, v. 65, n. 2, p. 361-367, Apr. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672012000200024&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 2 nov. 2018.

nesse sentido que a relação entre Educação Física e Religião pode ser compreendida. É por meio do corpo que sobrevivemos e podemos viver a fé religiosa. Portanto, quanto mais cuidamos do corpo, melhor se pode retribuir o serviço à religião e ao ser supremo em que se acredita.¹⁸⁷

Esta parte específica do trabalho dedica-se a relatar a experiência profissional de um professor de educação física cujas práticas educacionais são munidas, na maioria das vezes, de uma visão holística do ser humano. Esse olhar permite que ele disponha de uma percepção de um indivíduo não somente notado de um componente físico (corpo) e por causa disso, entende-se ser possível uma representação prática daquilo que foi exposto na teoria por meio dos currículos educacionais estudados anteriormente.

A avaliação de seus alunos mediante esse ponto de vista representa uma tarefa um pouco mais complexa que a postura tradicionalmente praticada, contrapondo-se a um protocolo técnico segundo o qual se podem analisar apenas os gestos motores dos envolvidos. Dessa maneira, é indispensável conhecer integralmente os alunos, dado que é a partir desse conhecimento se pode acreditar num real entendimento maior, o que aperfeiçoa o processo, tornando-o o mais justo possível.

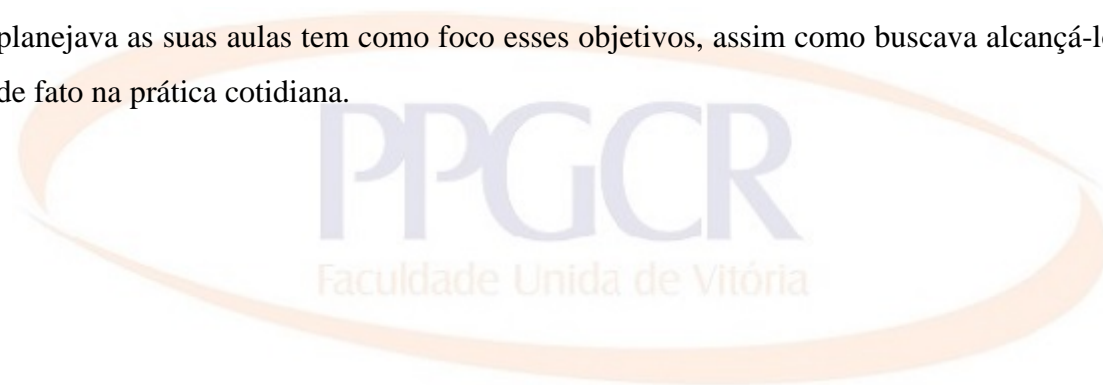
O suporte para tal maneira de enxergar o mundo supostamente é influenciado por valores religiosos advindos da caminhada desse profissional como religioso praticante, pois em sua prática profissional, sempre se verifica a preocupação com seus alunos baseada em todas as suas instâncias como ser vivo, inclusive as particularidades mais profundas do ser no que se refere aos seus níveis espirituais. Por buscar incessantemente os valores religiosos como fundamento central da sua vida, fica claro e evidente que essa influência religiosa contém implicações na vida profissional, uma vez que a separação entre a vida profissional e a pessoal é um desafio muito grande, tratando-se de missão quase impossível. Logo, esses valores religiosos, direta ou indiretamente, são transmitidos ao seu meio profissional, mesmo que esse professor não se dê conta disso.

Embora sua base seja restritamente religiosa, bem definida e praticada no dia a dia, esculpindo o seu comportamento de educador, sua postura como profissional não tem pretensões de catequização. Dessa forma, sua ação de propagador do saber se propõe sempre transmitir o conhecimento seguindo a linha da espiritualidade, evitando

¹⁸⁷ ASSIS, Ronaldo Soares de; PERFEITO, Rodrigo Silva. Reflexões sobre as dificuldades encontradas entre a prática de atividade física e as doutrinas religiosas. / *EFDeportes.com*, Revista Digital. Buenos Aires, Ano 16, Nº 165, fevereiro de 2012. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd165/atividade-fisica-e-as-doutrinas-religiosas.htm>>. Acesso em: 2 nov. 2018.

a veiculação da própria religiosidade fora dos muros de instituição religiosa de que é adepto. Por isso, a educação é sempre pautada nos princípios da ética, com a valorização da vida e do amor como pilares de sustentação.

Os estudos na área da Ciência das Religiões proporcionaram a esse professor de Educação Física a ampliação de seus conhecimentos, viabilizando a compreensão holística do próprio saber, pois até bem antes da elaboração deste estudo, ele próprio manifestava certa desconfiança em relação à possível relação recíproca entre esses saberes. Nota-se que quanto mais esses conhecimentos eram explorados, maior e mais entusiástica era a sua assimilação à prática profissional, concluindo-se, em pouco tempo, que as práticas do indivíduo mantinham abrigavam certa proximidade entre essas duas áreas do saber (Educação Física e Religião e/ou espiritualidade), ainda que tal contiguidade não fosse consciente. Uma mudança significativa nesse novo quadro é que, a partir de então, a atitude do professor vinculou a espiritualidade à própria aula de Educação Física, agora de maneira consciente e reflexiva, e nessa ocasião o professor já planejava as suas aulas com como foco esses objetivos, assim como buscava alcançá-los de fato na prática cotidiana.



CONCLUSÃO

Com o pensamento inicial de mapear a literatura produzida a respeito da temática “Corpo, religião e educação física”, reconheceu-se, na medida do aprofundamento nesse panorama teórico, a possibilidade crescente de identificação de numerosas questões e relações entre esses campos, até então entendidas como estanques. Foi produtivo reparar que as discordâncias em alguns aspectos do pensar não impediam o encontro de caminhos de aproximação, tornando as duas áreas complementares como proposta de ensino.

Apesar da recorrência da discussão da dualidade entre corpo e alma no meio acadêmico e do desejo de superação de tal pensamento, conforme relatado em vários trabalhos, percebem-se ainda discursos que sustentam essa dicotomia, nos ambientes escolares e principalmente nos religiosos. Por isso, era perceptível a necessidade de um entendimento geral do ser humano, com a ampliação desse olhar numa dimensão mais macro e holística. Esse olhar forneceu subsídios para mudanças de ações, não só profissionais, mas também pessoais, com a percepção de um ser humano mais complexo e completo (corpo, alma, espírito).

Dada a constante evolução do meio acadêmico, esta dissertação não pretende esgotar as possibilidades de estudos pertinentes. E por isso, o resultado final do trabalho pode ser avaliado como um direcionamento para os profissionais de Educação Física que desejem incluir em sua prática profissional uma proposta de trabalho que correlacione os ensinamentos específicos da Educação Física com conteúdos condizentes com a perspectiva espiritual do sujeito, como os valores e a ética, entre outros. Desse modo, o ensino pode ser encarado a partir de uma linha única de pensar, em que o conhecimento caminha por meio de um único segmento, evitando-se as especializações e o fechamento das áreas do saber em si mesmas.

REFERÊNCIAS

ALBANO, Fernando. *Dualismo corpo/alma na teologia pentecostal*. Disponível em: <https://goo.gl/sKCMx2>. Acesso em: 10 jan. 2018.

AQUINO, Tomás de. *O ente e a essência*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

ARAÚJO, Hugo Filgueiras. *Relação corpo e alma no De Anima de Aristóteles*. Disponível em: <https://goo.gl/hM4Tj5>. Acesso em: 28 fev. 2018.

ARISTÓTELES. *Sobre a alma*. Lisboa: Biblioteca de Autores Clássicos, 2010.

ASSIS, Ronaldo Soares de; PERFEITO, Rodrigo Silva. Reflexões sobre as dificuldades encontradas entre a prática de atividade física e as doutrinas religiosas. *EFDeportes.com, Revista Digital*. Buenos Aires, v. 16, n. 165, fev. 2012.

BARATO, Jarbas Novelino. *Conhecimento, trabalho e obra: uma proposta metodológica para a educação profissional*. Boletim Téc. Senac: a R. Educ. Prof., Rio de Janeiro, v. 34, n.3, set./dez. 2008.

BARBOSA Raquel; MATOS, Paula Mena; COSTA, Maria Emília. *Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje*. Disponível em: <https://goo.gl/es5anu>. Acesso em: 4 fev. 2018.

BARROSO, André Luís Ruggiero; DARIDO, Suraya Cristina. A Pedagogia do Esporte e as Dimensões dos Conteúdos: Conceitual, Procedimental e Atitudinal. *Revista da Educação Física/UEM Maringá*, v. 20, n. 2, 2. trim. 2009.

BARTOSZECK, Flávio Kulevicz. *Tipos de dualismos na filosofia da mente*. Disponível em: <http://www.redepsi.com.br/2007/06/08/tipos-de-dualismo-na-filosofia-da-mente/>. Acesso em: 26 jul. 2017.

BLESSMANN, Eliane Jost. *Corporeidade e envelhecimento: o significado do corpo na velhice*. Disponível em: <https://bit.ly/2FLG6BP>. Acesso em: 6 mai. 2018.

BOTELHO, Flávia Mestriner. Corpo, risco e consumo: uma etnografia das atletas de fisiculturismo. *Revista Habitus: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais - IFCS/UFRJ*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 104-119, jul. 2009. Semestral. Disponível em: <www.habitus.ifes.ufrj>. Acesso em: 4 fev. 2018.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: 10 Ed.: Bertrand Brasil, 2007.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO; UNESCO. In: Isabel Cristina Moura de Carvalho, Mauro Grün e Rachel Trajber. (Org). *Pensar o ambiente: bases filosóficas para a Educação Ambiental*. Brasília: Eletrônica, 2006. Disponível em: <https://goo.gl/WjzBwy>. Acesso em: 15 fev. 2018.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Parâmetros curriculares nacionais: Educação física / Secretaria de Educação Fundamental*. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

CHAUÍ, Marilena. *Um convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.

COELHO JUNIOR, Nelson Ernesto. *Consciência, intencionalidade e intercorporeidade*. Disponível em: <https://goo.gl/TksVHq>. Acesso em: 4 fev. 2018.

COMPARIM, Karen Andréia; SCHNEIDER, Jacó Fernando. O corpo: uma visão da antropologia e da fenomenologia. *Revista Faz Ciência*, Paraná, v. 06, nº 01, 2004. Disponível em: <<https://goo.gl/HuijtK>> Acesso em: 23 out. 2017.

COTTIGHAN, John. *Dicionário Descartes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

DAOLIO Jocimar et. al. *Corporeidade: o legado de Marcel Mauss e Maurice Merleau-Ponty*. Pro-Posições, Campinas, vol. 23, nº 3, 2012. Disponível em: <https://goo.gl/S8n58G>. Acesso em: 4 fev. 2018.

DARIDO, Suraya Cristina. *Educação física na escola: conteúdos, suas dimensões e significados*. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. Caderno de formação: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, v. 16, 2012.

DE LIMA, Marisa Mello. *Do corpo sob olhar de Bourdieu ao corpo contemporâneo*. Disponível em: <https://goo.gl/PKB83N>. Acesso em: 4 fev. 2018.

DEBORD, Guy. *Sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

DENTZ, René Armand. *Corporeidade e subjetividade em Merleau-Ponty*. Intuitio, Porto Alegre, v. 1, nº 2, 2008, Porto Alegre. Disponível em: <<https://goo.gl/mdvESU>>. Acesso em: 23 out. 2017.

DESCARTES, René. *Meditações metafísicas*. Disponível em: <http://bit.ly/2tgkclu>. Acesso: 22. jul. 2018

DUSSEL, Enrique. *El dualismo em la antropología de la cristiandad: desde el origen del cristianismo hasta antes de la conquista de América*. Buenos Aires: Guadalupe, 1974.

DUTRA, Milena Carrijo, et al. *Sentido de corpo e percepção de envelhecimento de adultos e idosos*. Disponível em: <https://goo.gl/TCUjpF> Acesso em: 6 mai. 2018.

ELIADE, Mircea. *Dicionário das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ESPIRITO SANTO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO (SEDU). *Currículo Básico Escola Estadual. Guia de implementação*. Vitória: SEDU, 2009.

FERRY, Luc. *A revolução do amor: por uma espiritualidade laica*. São Paulo: Objetiva, 2012.

FLECK, Marcelo Pio de Almeida. *O instrumento de avaliação de qualidade de vida da Organização Mundial da Saúde (WHOQOL-100): características e perspectivas*. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), v. 5, n. 1, 200.

FLORIANO, Petterson de Jesus; Dalgalarrodo, Paulo. *Saúde mental, qualidade de vida e religião em idosos de um programa de saúde da família*. Rio de Janeiro, J. bras. psiquiatr. v. 56, n. 3, 2007.

FREIRE, Elisabete dos Santos et al. A dimensão atitudinal nas aulas de Educação Física: conteúdos selecionados pelos professores. *J. Physical Education*, v. 21, n. 2, 2010.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar da religião*. Disponível em: <https://goo.gl/jrn6Pu>. Acesso em: 4 fev. 2018.

GAMA, Maria Gabriela. *A fabricação da imagem social da empresa*. Disponível em: <https://goo.gl/MZ5Tqk>. Acesso em: 4 fev. 2018.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *O celibato sacerdotal: História*. In: *Teocomunicação – A Política no Brasil*, v. 21, n. 94. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1991.

KENNY, Anthony. *Filosofia antiga: uma nova história da filosofia ocidental*. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

KOENIG, Harold. Religião, espiritualidade e psiquiatria: uma nova era na atenção à saúde mental. *Revista de Psiquiatria Clínica*. Disponível em: http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/K_autores/KOENIG_Harold_tit_Religio_Espiritualidade_psiquiatria.htm. Acesso em: 28 mai. 2018.1.

LACOSTE, Jean Yves. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004.

LE BRETON David. *Antropologia do corpo*. Trad. Fábio dos Santos Creder Lopes, 4ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

LE BRETON, David. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Brasil: Papyrus, 2003.

LE BRETON, David. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Campinas: Papyrus, 2013.

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. *Uma história do corpo na Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LE MOS, Carlos Augusto Fogliarini. *Qualidade de vida na carreira profissional de professores de educação física do magistério público estadual/RS*. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

LUCHI, José Pedro. *O lugar das religiões numa sociedade pós-secular: discussão da perspectiva de J. Habermas*. In ROSA, Wanderley Pereira; RIBEIRO, Oswaldo Luiz. *Religião e Sociedade (pós) secular*. Santo André-SP: Academia Cristã; Editora Unida, 2014.

MALUF, Sônia Weidner. *Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas*. Esboços, Santa Catarina, v. 9, nº 9, 2001. Disponível em: <<https://goo.gl/ZGSEvb>> Acesso em: 24 out. 2017.

MANCUSO, V.; PACOMIO, L. (Orgs.). *Lexicon – Dicionário teológico enciclopédico*. Tradução: João Paixão Neto e Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Loyola, 2003.

MARCON, Heloisa Helena. *Religião, ciência e capitalismo*: sujeito massificado, objeto padrão e medida comum para o gozo. Disponível em: <https://goo.gl/sKrNrT>. Acesso em: 4 fev. 2018.

MAROUN, Maroun; VIEIRA Valdo Vieira. *Corpo*: uma mercadoria na pós-modernidade. Disponível em: <https://goo.gl/bcR82P>. Acesso em: 4 fev. 2018.

MARQUES, Paulo Pimenta. *Merleau-Ponty*: acerca da intencionalidade. 2012. 163 p. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. 2ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MELLER, Vanderléia Ana; TESCHE, Leomar. *Vivências corporais de pessoas com deficiência física*. Disponível em: <https://goo.gl/PY8ryS> Acesso em: 6 mai. 2018.

MOREIRA, Juliana. *Corpo e sociabilidade*: marcas corporais, gênero, sexualidade e “raça” em diferentes contextos de sociabilidade na cidade do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://goo.gl/Pkiifi>. Acesso em: 4 fev. 2018.

MORIN, Edgar, *1921- Os sete saberes necessários à educação do futuro* / Edgar Morin; tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 2. ed. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários para a educação do futuro*. 2ª ed. São Paulo: Cortez Editora; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

MURAKAMI, Rose; CAMPOS, Claudinei José Gomes. Religião e saúde mental: desafio de integrar a religiosidade ao cuidado com o paciente. *Rev. bras. enferm.* Brasília, v. 65, n. 2, p. 361-367, Apr. 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672012000200024&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 2 nov. 2018.

NEGRÃO, Ronaldo Ferreira. *Concepções de ser humano na educação e na educação física*. Disponível em: <https://goo.gl/NZ4oac>. Acesso em: 27 jul. 2017.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. *Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty*. Disponível em: <https://goo.gl/epqPw>. Acesso em: 4 fev. 2018.

NUNES, Tiago Ribeiro. *Situação do fenômeno religioso contemporâneo*. *Psyche*, São Paulo, v. 12 n. 23, dez. 2008.

OLIVEIRA, Maria Ester. *O uso de anabolizantes como forma de produção de si e tentativa de controle do corpo*. Disponível em <https://goo.gl/3gRVRw>. Acesso em: 4 fev. 2018.

PAGNI, Pedro Ângelo. *A prescrição dos exercícios físicos e do esporte no Brasil (1850-1920)*: cuidados com o corpo, educação física e formação moral. In: FERREIRA NETO, Amarílio (Org.). *Pesquisa histórica na educação física*. Vitória: CEFD/UFES, v. 2, 1997.

PEIXOTO, Adão José. Os sentidos formativos das concepções de corpo e existência na fenomenologia de Merleau-Ponty. *Rev. abordagem gestalt*, Goiânia, vol. 18 nº1, jun. 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/yqtFyx>>. Acesso em: 22 out. 2017.

PLATÃO. *Diálogos*. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

PONTY, Maurice Merleau. *Fenomenologia da percepção*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes. 1999.

PORTER, Roy. História do Corpo. In. BURKE, Peter (Org.) *A escrita da história*. São Paulo: UNESP, 1992.

QUEIROZ, Carlos; PORTELLA, Rodrigo. O corpo, a semente e o fruto: a antropologia pauliana entre o simbólico e o conceitual em seu discurso sobre o ser humano e sua ressurreição. *REFLEXUS* - Ano XII, n. 19, 2018/1.

RIGONI, Ana Carolina Capellini, *Corpos na escola: (des)compassos entre a educação física e a religião* –Tese (doutorado)- Universidade Estadual de Campinas-SP, 2013.

RIGONI, Ana Carolina Capellini; DAOLIO, Jocimar. Corpos na escola: reflexões sobre Educação Física e religião. *Movimento*, Porto Alegre, v. 20, n. 3, jul./set. de 2014.

ROCHA, Abdruschim Shaeffer. *O Deus que vem a nós: reflexões hermenêutico-teológicas da revelação desde cima e desde baixo*. Disponível em: <https://bit.ly/2HPLYvs>. Acesso em: 7 mai. 2018.

ROCHA, Abdruschin Schaeffer. *Espiritualidade em ambientes corporativos: uma nova modalidade de retorno do religioso*. In: ROCHA et al. (Orgs.), *Espiritualidades contemporâneas*. Vitória – ES: Editora Unida: Faculdade Unida de Vitória, 2013.

RODRIGUES, Carlos José. *Tabu do corpo*. 7. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz. 2006.

RODRIGUES, Cátia Cilene Lima; PINHEIRO, Rayane Rafaele. *A doutrina pentecostal e a prática de atividades físicas*. Instituto Presbiteriano Mackenzie. Universidade Presbiteriana Mackenzie. 2012, p. 2

RODRIGUES, Donizete. Novos movimentos religiosos: realidade e perspectiva sociológica. *Revista Antropológicas*, Recife, v. 19, n. 1, 2008.

RODRIGUES, Renato Gonçalves. *O corpo na história e o corpo na igreja hoje*. Disponível em: <https://goo.gl/qEXVqJ>. Acesso em: 25 out. 2017.

RODRIGUES, Rogério. *O pensamento antropológico de Marcel Mauss: uma leitura das técnicas corporais*. 1997. 129 p. Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual de Campinas.

ROSA, Wanderley Pereira da. *O dualismo na teologia cristã: a deformação da antropologia bíblica e suas consequências*. 2010. 163 f. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Escola Superior de Teologia, São Leopoldo. 2010.

RUBIO, Alfonso García. *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. São Paulo: Paulus, 2006.

SAAD, Marcelo; MASIERO, Danilo; BATTISTELLA, Linamara Rizzo. *Espiritualidade baseada em evidências*. Acta Fisiátrica, v. 8, n. 3, 2001.

SANTANA, Viviane Caminhas *et al.* Dogmas e prazeres: o discurso moral religioso em torno da vivência da sexualidade no ocidente medieval. *Revista Margem Interdisciplinar*, Pará, v. 8, nº 11, 2014.

SARTRE, 1947. Apud MARQUES, Paulo Pimenta. *Merleau-Ponty: acerca da intencionalidade*. 2012. 163 p. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.

SOLOMON, Robert C. *Espiritualidade para céticos: paixão, verdade cósmica e racionalidade no século XXI*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SOUZA JUNIOR, Jalmir Pinheiro *et al.* *Percebo, logo consumo!* A fenomenologia da percepção como alternativa para o estudo do comportamento do consumidor. Disponível em: <https://goo.gl/DQhBo6>. Acesso em: 4 fev. 2018.

VAZ, Henrique C. de Lima. *Antropologia filosófica*. 11ª ed. Vol. 1. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

VOLCAN, Sandra Maria Alexandre *et al.* Relação entre bem-estar espiritual e transtornos psiquiátricos menores: estudo transversal. *Rev Saúde Pública*, v. 37, n. 4, 2003.

WALKER Wiliston. *História da igreja cristã*. São Paulo: ASTE, 2006.

ZABATIEIRO, Júlio Paulo Tavares. A religião e a esfera pública. *Cadernos de Ética e Filosofia Política (USP)*, São Paulo, v. 12, 1/2008.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. *Filosofia para uma teologia inovadora*. Santo André: Academia Cristã Ltda., 2009.

ZAMPERE, Edilene. Uma visão holística dentro da educação física. *Revista Brasileira de Ciência & Movimento*. v. 6 - n. 1, 1992.